

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Os Múltiplos Papéis da Vacina contra a COVID-19:
Da Pesquisa ao Projeto Expográfico

Laura B. Müller

Rio de Janeiro, 2025

Laura B. Müller

**Os Múltiplos Papéis da Vacina contra a COVID-19:
Da Pesquisa ao Projeto Expográfico**



Trabalho de conclusão do curso de
Graduação em Design apresentado
à Escola Superior de Desenho
Industrial da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Daniel B. Portugal

Rio de Janeiro, 2025

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Daniel B. Portugal, que abraçou este tema complexo e desafiador sem hesitação. Agradeço profundamente o apoio constante nesses últimos três anos, por ter me ensinado uma nova forma de pensar e, sobretudo, por ter acreditado no meu potencial.

À minha família, Adriana, Tássio, Vilma e Lauro, e ao meu amor, Beatriz. O suporte incondicional e o afeto de vocês foram a base e o apoio essencial para que eu chegasse aonde estou hoje

Aos amigos que me acompanharam e tornaram a jornada da graduação mais leve: Dino, Gabriel, Iara, Marcella, Marina e Renan.

Ao meu mentor na vida profissional, Fábio Eis, agradeço a imensa paciência e disponibilidade para me transmitir grande parte do conhecimento que possuo hoje. Sem a sua ajuda, parte desse projeto não teria saído do papel.

À UERJ pelo financiamento da minha bolsa de Iniciação Científica e a todos que fizeram parte da minha jornada na ESDI: professores, funcionários, membros do DEMO, CAPO e colegas de turma. Vocês me formaram designer. Muito obrigada.

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso em Design investiga os múltiplos papéis e sentidos da vacina contra a COVID-19 no Brasil entre 2020 e 2022. A pesquisa utiliza a Teoria Ator-Rede e o Mapeamento de Controvérsias para rastrear a vacina como um objeto complexo, catalisador de afetos, tensões sociais e disputas políticas. O objetivo é transformar essa análise em um projeto expográfico que torne visíveis as redes de controvérsias. O resultado é a proposta da exposição itinerante "Efeitos Colaterais: Afetos da Vacina da COVID-19", estruturada em módulos visuais organizados a partir dos sentimentos (esperança, desconfiança, medo, alívio e orgulho) suscitados pelo artefato vacina. O trabalho posiciona o Design como uma ferramenta projetual capaz de traduzir e provocar a reflexão sobre a complexidade das redes sociotécnicas.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede; Mapeamento de Controvérsias; Vacina da COVID-19; Pandemia; Design Expográfico.

Sumário

Introdução.....	5
1. Temática.....	5
2. Objetivo.....	6
3. Justificativa.....	6
4. Metodologia.....	7
PARTE I: PESQUISA.....	10
1. Introdução à pesquisa.....	10
2. Vacina como esperança.....	12
3. Vacina como desprezo.....	16
4. Vacina como instrumento de luta.....	18
5. Vacina como mercadoria.....	21
6. Vacina como disputa política.....	22
7. Vacina como performance.....	23
8. Vacina como imposição.....	25
9. Vacina como objeto de propaganda.....	27
10. Vacina como vilã.....	30
11. Considerações finais.....	33
PARTE II: PROJETO EXPOGRÁFICO.....	34
1. Proposta.....	34
2. Análise de similares.....	35
3. Conceituação.....	39
4. Estrutura e fluxo de visitação.....	41
5. Identidade visual.....	45
6. Módulos.....	49
7. Elementos complementares.....	63
8. Peças de divulgação.....	65
9. Possibilidades de implementação.....	67
10. Considerações finais.....	68
PARTE III: RESULTADOS.....	70
1. Módulos.....	70
2. Visualização da exposição.....	92
CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

Introdução

1. Temática

A palavra vacina, de acordo com o dicionário Michaelis (2025), quer dizer a suspensão de micro-organismos patogênicos mortos ou atenuados que, introduzida no organismo, determina a formação de anticorpos capazes de torná-lo imune contra o vírus utilizado. Para muitos, a vacina é vista como um simples ato de imunização, um avanço da medicina que nos protege contra doenças. No entanto, essa percepção — válida do ponto de vista biológico — ignora sua complexidade.

Analisando seu contexto histórico, o primeiro registro de vacinação surge na China, no século X, como uma forma de imunização à varíola que era bem distinta do que entendemos como vacina no século XXI (BUTANTAN, 2021). A partir do século XVIII, Edward Jenner foi o responsável por consolidar o conceito moderno de vacinação, recebendo o título de pai da vacina, ao desenvolver a partir do vírus da varíola bovina, um imunizante para a varíola humana (BUTANTAN, 2021). Durante o século XIX, a vacina passa a ocupar um local central nas políticas de saúde pública, com o progresso científico feito acerca dos microrganismos por Louis Pasteur (LATOURE, 1988). Ao longo do tempo, a vacina se consolidou como uma ferramenta essencial na prevenção de doenças, e passou a ser vista como um símbolo de progresso científico e proteção, se tornando centro de debates sociais, políticos e culturais, com reações tanto de aceitação e aprovação quanto de resistência por parte da população.

Trazendo o olhar para o contexto do século XXI, durante a pandemia da COVID-19, a vacina foi colocada em um lugar de protagonismo, não apenas no Brasil, como mundialmente, — trazendo à tona e permitindo a visualização das tensões sociais e controvérsias acerca desse tópico. É um exemplo claro de como a atuação da vacina ultrapassa a dimensão biológica, participando de questões que poderíamos classificar como políticas, psicológicas, sociais, comerciais, técnicas, comunicacionais etc. Um momento marcado por disputas políticas, *Fake News* e um novo impulso para o movimento anti-vacina mostrou a pluralidade da percepção da vacina, para muitos vista como uma salvação para a humanidade e para outros como um inimigo.

2. Objetivo

A proposta deste trabalho é acompanhar e investigar, a partir da teoria ator-rede (TAR) de Bruno Latour, os sentidos e atuações da vacina contra a COVID-19 no Brasil entre os anos de 2020 e 2022, quando a pandemia colocou a imunização em evidência e reacendeu uma série de debates sociais, políticos e culturais. O objetivo não é apenas compreender como a vacina circulou enquanto objeto controverso, assumindo diferentes papéis ao se conectar com distintos atores, mas também transformar essa investigação em uma proposta de projeto expográfico que permita compartilhar esses sentidos com outras pessoas. A ideia é que, ao acompanhar a vacina em seus deslocamentos e disputas, será desenvolvido um projeto de exposição que provoque reflexão sobre os modos como esse objeto, historicamente vinculado à ciência e à saúde pública, é também um catalisador de afetos, um marcador ideológico e um ponto de conflito entre visões de mundo.

A vacina, então, não será tratada como um objeto com essência estável ou significado único, mas como um artefato em ação — algo que age, interfere, afeta e é afetado nas relações que compõe. Ela emerge, ao mesmo tempo, de uma seringa, de uma postagem, de uma política pública, de uma estatística, de um personagem infantil, de um inimigo. É a partir da observação dessas múltiplas atuações produtivas que este trabalho se estrutura: acompanhando a vacina em seus deslocamentos, rastreando como ela aparece, quem a convoca, com que discurso, com que efeitos.

3. Justificativa

Por se tratar de um trabalho inserido no campo do design, é fundamental esclarecer de que forma o tema proposto se relaciona com essa área. Aqui, o design não se limita à estética, à propaganda ou à embalagem. Ele se configura como uma maneira de traduzir em materialidade expográfica as redes que possibilitam a existência, a circulação e as disputas em torno da vacina. No caso da vacina contra a COVID-19, o que está em jogo é todo um ecossistema de efeitos, sentidos, afetos e mediações que o design pode ajudar a explicitar e tensionar.

Nesse contexto, projetar não se reduz a criar campanhas de conscientização ou peças informativas. Projetar, aqui, é atuação em redes, que pode ser guiada pelo mapeamento dessas redes, capaz de explicitar como diferentes atores (humanos e não humanos) se articulam, como determinadas narrativas ganham força, como imagens e dispositivos produzem efeitos concretos sobre corpos,

decisões e crenças. A vacina, tratada neste trabalho como controversa, ganha múltiplas faces ao circular em redes. E é justamente nesse trânsito que o design se insere: como uma atuação projetual capaz de pensar a si mesma e de elaborar o projeto de uma exposição que torne visíveis as disputas que se desenrolam em torno dela.

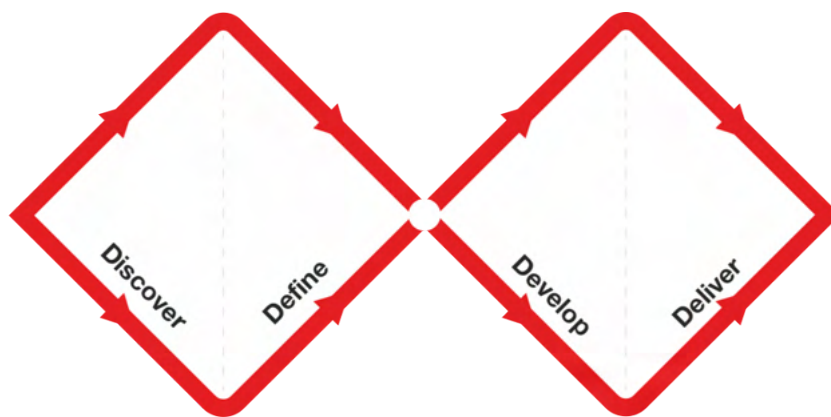
Em “Design e a teoria ator-rede”, Portugal e Soares (2020, p. 131) afirmam que “Investigações que partam da teoria ator-rede [...] podem abrir novas compreensões das atividades projetuais, rearticulando a própria definição do campo, uma vez que não há mais como conceber um direcionamento unívoco da ação — da intencionalidade humana para o mundo material. ‘Projeto’, então, passa a indicar um processo cuja agência está diluída em redes que conectam humanos e não-humanos de diferentes maneiras”.

Os estudos em design, assim, voltam-se ao mapeamento de controvérsias, para evidenciar atores e as dinâmicas envolvidas na construção desses artefatos sociotécnicos. Ao adotar essa perspectiva, o projeto deixa de ser uma ação linear, guiada por um sujeito criador, para ser entendido como uma prática distribuída em redes complexas. não apenas na pesquisa, mas, sobretudo, na materialização dessa reflexão por meio de um projeto expográfico, abrindo espaço para refletir sobre como as tecnologias se tornam sociais, e como o social é, por sua vez, sempre tecido por essas redes em constante transformação.

4. Metodologia

A estrutura geral deste Trabalho de Conclusão de Curso está baseada no modelo do Duplo Diamante, desenvolvido pelo *Design Council* do Reino Unido (2003), que organiza o processo projetual em quatro estágios interligados: *Discover* (Descoberta), *Define* (Definição), *Develop* (Desenvolvimento) e *Deliver* (Entrega). Esta estrutura serviu como o esqueleto processual para integrar a pesquisa teórica e o projeto expográfico ao longo de dois semestres de trabalho.

Figura 1: Esquema que ilustra o método do Diamante Duplo



Fonte: Design Council. Disponível em: www.designcouncil.org.uk

No primeiro semestre de 2025, no Anteprojeto de Graduação, foi desenvolvido aquilo que corresponde ao primeiro diamante, focado na descoberta (*discover*) e definição (*define*) da questão. A fase de descoberta foi guiada metodologicamente pela teoria ator-rede de Bruno Latour (2005) e pelo Mapeamento de Controvérsias (Venturini, 2009). Essas abordagens permitiram o rastreamento dos múltiplos papéis da vacina contra a COVID-19 entre 2020 e 2022. Esta exploração complexa culminou na fase de Definição, onde o acervo resultado da pesquisa foi sintetizado para estabelecer a questão e o conceito curatorial que norteariam o projeto expográfico.

O segundo semestre de 2025 concentrou-se no segundo diamante: desenvolvimento (*develop*) e entrega (*deliver*). Partindo do conceito curatorial, a fase de Desenvolvimento consistiu na sua tradução em elementos gráficos, espaciais e interativos. O foco foi planejar a experiência do visitante e a materialidade da exposição *Efeitos Colaterais*. Por fim, a fase de entrega consolidou uma proposta de projeto expográfico final, apresentada na forma de desenhos, visualizações renderizadas e especificações técnicas, demonstrando o processo projetual, mas sem a montagem física.

Essa articulação metodológica permitiu ao trabalho manter-se atento às variações e intensidades que compõem o campo de disputa em torno da vacina. Em vez de buscar certezas ou simplificar o objeto, a pesquisa priorizou a escuta dos deslocamentos: como os sentidos se organizam, se desfazem e se reconfiguram em meio às redes. Ao adotar essa prática projetual expandida, o Design atua como um dispositivo de abertura, transformando o mapeamento das controvérsias em uma

proposta de comunicação que não opera por fechamento de sentido, mas sim pela provocação à reflexão sobre como o social é sempre tecido por redes em constante transformação.

PARTE I: PESQUISA

1. Introdução à pesquisa

Durante a pandemia da COVID-19, a vacina assumiu múltiplos papéis, aparecendo em diversos discursos, mobilizando afetos e guiando decisões políticas. Reduzi-la a um objeto com uma essência fixa — como uma tecnologia de saúde pronta, estável, autônoma — seria insuficiente para compreender sua complexa circulação pelo Brasil entre 2020 e 2022.

A Teoria Ator-Rede proposta por Bruno Latour, oferece um referencial teórico-metodológico capaz de lidar com essa complexidade. Ao contrário de abordagens que separam o mundo material da vida social, a teoria ator-rede não recusa fronteiras rígidas entre natureza e cultura, técnica e política, humano e não humano. Seu interesse está justamente em examinar como essas categorias são construídas, disputadas e constantemente reorganizadas nas práticas cotidianas. Em *Reassembling the Social*, Latour (2005, p. 72, tradução minha) argumenta:

A Teoria Ator-Rede não é uma afirmação vazia de que objetos fazem coisas 'no lugar' dos atores humanos. O que ela propõe é que nenhuma ciência do social pode sequer começar sem antes explorar, de forma cuidadosa e aprofundada, a questão de quem e do que participa de uma ação — mesmo que isso implique incluir elementos que, na falta de um termo melhor, costumamos chamar de “não humanos”. Essa expressão, como tantas outras empregadas pela TAR, não tem um significado fixo em si mesma. Ela não designa um domínio específico da realidade. O projeto da Teoria Ator-Rede consiste justamente em estender a lista de participantes e modificar suas formas e figuras, buscando modos de fazer com que atuem juntos como um coletivo durável.

Pensemos sobre essa dificuldade de entender quem e o que participa da ação de combate à pandemia de Covid-19. A vacina foi projetada como a principal — e por vezes única — possibilidade concreta de superação da crise sanitária, mas essa centralidade não se deu de forma consensual. O que estava em disputa não era apenas sua eficácia, mas sua própria legitimidade, sua

segurança, sua origem, sua obrigatoriedade. A vacina passou a concentrar uma série de atores, entre eles múltiplos afetos — esperança, medo, confiança, dúvida, resistência. Essa multiplicidade é justamente o que a Teoria Ator-Rede permite observar: não uma essência, mas um objeto em disputa constante, mobilizado por e entre redes heterogêneas.

Dessa forma, em vez de buscar a essência da vacina, ou assumir previamente o que ela é ou representa, o trabalho se propõe a acompanhá-la em suas ações, seus efeitos, suas circulações e nas redes que a sustentam. Latour (2005) argumenta que a divisão entre o mundo material e o mundo social é arbitrária e improdutiva. Não faz sentido tentar juntar “tecnologia e sociedade”, é preciso reconhecer o problema da própria divisão e reconhecer que o que existe é uma rede onde humanos e não humanos se co-constroem continuamente: “não há caso empírico onde a existência de dois agregados homogêneos e coerentes — por exemplo, tecnologia ‘e’ sociedade — faça algum sentido” (LATOUR, 2005, p. 76, tradução minha). Aplicar essa abordagem ao estudo da vacina significa entender que ela é, ao mesmo tempo, uma substância aplicada no braço de alguém, uma esperança de segurança, um objeto de medo, um recurso político etc.,

Em *Cogitamus*, Latour (2012) propõe o uso de um “diário de bordo” como uma forma de conduzir a pesquisa. Diferente de um método linear, com hipóteses preestabelecidas e um roteiro a ser seguido, o diário de bordo convida o pesquisador a acompanhar os objetos em suas trajetórias, observando os deslocamentos, os desvios e os encontros que produzem conhecimento ao longo do caminho. A proposta é que o pesquisador se posicione dentro da rede, escrevendo a partir das conexões que observa, e não de fora, como quem apenas descreve algo pronto. É essa a lógica que orienta este trabalho: acompanhar a vacina contra a COVID-19 em seus múltiplos agenciamentos, registrando os modos como ela se transforma ao se conectar com diferentes atores, discursos, afetos e dispositivos. Nesse sentido, como apontam Portugal e Soares (2020, p. 131), para um pensamento baseado na teoria ator-rede, “projeto passa a indicar um processo cuja agência está diluída em redes que conectam humanos e não humanos de diferentes maneiras”.

Essa pesquisa, então, propõe um exercício de acompanhamento: seguir a vacina em sua circulação, em suas disputas, em seus usos. Em vez de assumir o que ela é, o movimento é perguntar: onde ela aparece? Quem a convoca? Em que contexto? Com quais efeitos? Em vez de buscar categorias fixas, a investigação opera por aproximações, rastreamentos e observações das redes que se formam em

torno desse objeto. Essa forma de pesquisa é o que Venturini (2009), em *Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory*, chama de mapeamento de controvérsias, um modo de pesquisa que não busca encerrar os sentidos, mas torná-los visíveis, acompanhando os pontos de tensão, bifurcação e disputa que surgem no percurso. A partir desse gesto de acompanhamento, os materiais coletados: postagens de redes sociais, matérias de jornal, discursos políticos, campanhas institucionais, memes, imagens de protestos e manifestações populares serão tratados como partes constituintes dessas redes. Cada elemento será compreendido não como evidência de algo externo, mas como participante ativo na produção dos sentidos da vacina. Eles compõem um arquivo vivo, que será lido e articulado, sem hierarquizar fontes nem privilegiar um único ponto de vista.

Aqui, a análise dos materiais coletados será apresentada a partir de um delineamento dos diferentes papéis que a vacina contra a COVID-19 ocupou ao longo da pandemia. A proposta não é buscar uma definição única ou definitiva, mas dar visibilidade à sua multiplicidade — como esperança, ameaça, mercadoria, performance, disputa, política. Cada um desses papéis se constitui a partir de redes específicas de relações, afetos, discursos e imagens, e o que se pretende aqui é justamente evidenciar como esses sentidos foram sendo construídos, tensionados e transformados no decorrer da crise sanitária. O trabalho trata a vacina como uma operadora: um elemento ativo, que interfere, conecta, mobiliza e é mobilizado em diferentes contextos.

2. Vacina como esperança

A pandemia de COVID-19 teve início no final de 2019, quando um novo coronavírus, o SARS-CoV-2, foi identificado na cidade de Wuhan, na China. O vírus é responsável por uma infecção respiratória aguda, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (MINISTÉRIO DA SAÚDE, s.d.). Em poucos meses, o vírus se espalhou rapidamente por diferentes continentes, provocando uma crise sanitária de proporções globais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou emergência de saúde pública internacional em 30 de janeiro de 2020 e, posteriormente, classificou o surto como pandemia em 11 de março de 2020 (OPAS/OMS, [s.d.]).

No Brasil, o primeiro caso identificado da doença foi no dia 26 de fevereiro de 2020, quando um homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). A confirmação desse caso gerou comoção nas esferas políticas e na população, impulsionando medidas de precaução e protocolos de contenção. A partir desse ponto, a curva de contágio cresceu de maneira acelerada, resultando em um cenário dramático. Os impactos foram devastadores: milhões de infectados, centenas de milhares de mortes, colapso de serviços hospitalares, escassez de insumos médicos e profissionais da saúde sobrecarregados. Em outubro de 2020, o Brasil contava com mais de 5 milhões de casos acumulados e 100 mil óbitos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Os efeitos da pandemia ultrapassaram a esfera da saúde, atingindo diretamente a economia, a educação, o mercado de trabalho e as formas de convivência social, aprofundando desigualdades já existentes e afetando com mais intensidade grupos historicamente vulnerabilizados (FIOCRUZ, s.d.).

A vacina, ainda que em estágios iniciais de pesquisa, logo foi anunciada como a principal promessa de superação da crise sanitária que paralisava o mundo. Esse cenário de espera e urgência contribuiu para que ela se tornasse sinônimo de esperança, condensando expectativas individuais e coletivas de retorno à normalidade, proteção da vida e retomada de vínculos sociais interrompidos.

De acordo com as conclusões de um seminário ocorrido na Câmara dos Deputados (2020), realizado pela comissão externa que acompanhava as ações de enfrentamento à pandemia, a vacina foi considerada a saída definitiva para a crise sanitária provocada pela COVID-19, abrindo caminho para uma possível retomada da vida cotidiana. Essa projeção de esperança, no entanto, não se limitou aos pronunciamentos técnicos ou às instâncias formais do poder público: ela rapidamente se espalhou pelas redes sociais, onde milhares de usuários expressaram, em linguagem direta e afetiva, o desejo urgente pela imunização.

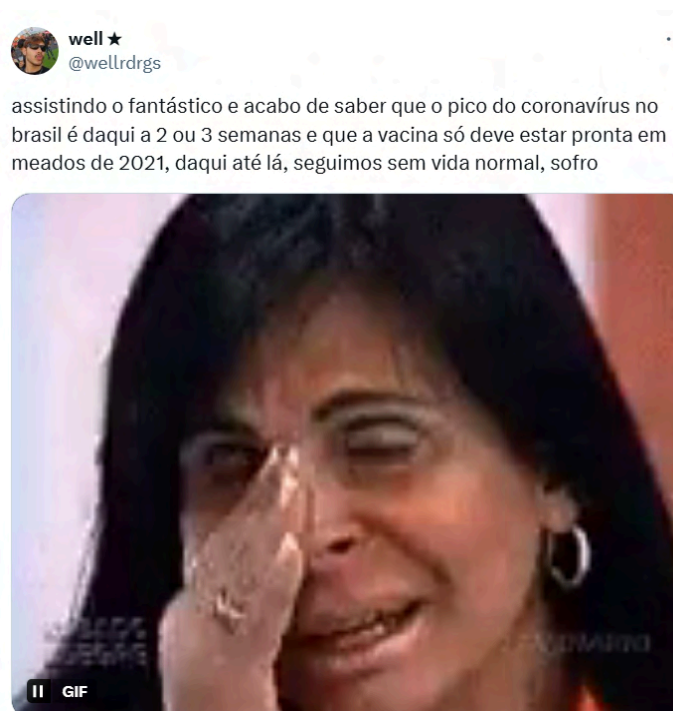
Publicações que comemoram avanços nos testes clínicos, faziam contagem regressiva para a aplicação da vacina ou declararam estar "sonhando com a vacina" evidenciam como esse objeto passou a ocupar um lugar simbólico e emocional no cotidiano. A vacina, mesmo antes de existir materialmente para a maior parte da população, já era desejada, invocada e celebrada nas esferas digitais, ganhando formas discursivas que iam do humor à ansiedade.

Figura 2 e 3 – Perfil na rede social “X”, que questionava diariamente se a vacina contra a covid-19 já havia sido desenvolvida e aprovada.



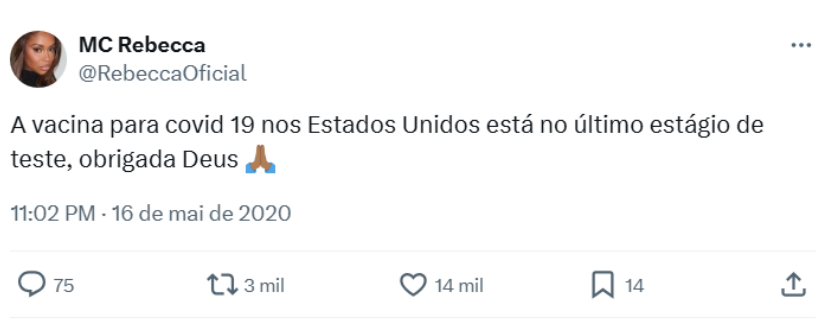
Fonte: Print autoral

Figura 4 – Usuário da rede social “X” comentando sobre matéria do fantástico sobre contexto da pandemia e vacina, acompanhado de meme da Gretchen chorando dramaticamente.



Fonte: Print autoral

Figura 5 – Cantora Mc Rebecca comemorando na rede social “X” o avanço nos testes da vacina nos Estados Unidos



em maio de 2020

Fonte: Print autoral

Essas manifestações populares não circularam sozinhas: elas dialogavam com outras camadas da esfera pública. Capas de revistas, manchetes de jornais e postagens de figuras políticas, como a do então Ministro da Saúde, Nelson Teich, também construíram sentidos em torno da vacina, reforçando principalmente sua potência salvadora. Esses elementos ajudaram a compor um cenário no qual a vacina se torna um nó de intensas expectativas, ancorada em diferentes registros — do institucional ao afetivo, do político ao midiático.

Figura 6 – Capa da revista Veja em que a vacina aparece em contexto de conquista histórica por seu desenvolvimento em tempo recorde.



Figura 7 – Manifestação de Nelson Teich, então ministro da saúde, na rede social “X”, reafirmando a importância da vacina contra a covid-19



Fonte: Print autoral

3. Vacina como desprezo

Durante o segundo semestre de 2020, enquanto os imunizantes ainda estavam em fase de testes e negociações, o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, passou a se manifestar publicamente de forma crítica e, por vezes, debochada em relação à vacinação.

Ainda antes das vacinas estarem disponíveis, a postura do governo federal e do presidente da república já indicavam uma direção oposta à cooperação internacional em torno do enfrentamento da pandemia. Em abril de 2020, o Brasil optou por não integrar a aliança internacional coordenada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que reunia dezenas de países e instituições para garantir o desenvolvimento e a distribuição igualitária de vacinas contra a COVID-19. A recusa foi interpretada por especialistas como um sinal de negligência e isolamento estratégico, dificultando o acesso do país a imunizantes em um momento em que a cooperação multilateral era vista como essencial para a superação da crise sanitária (REVISTA FÓRUM, 2020). A decisão também evidenciou, desde os estágios iniciais da pandemia, a politização do processo vacinal e a relutância do governo federal em aderir a iniciativas pautadas por compromissos coletivos e científicos.

Em dezembro daquele ano, em um evento oficial no Palácio do Planalto, Bolsonaro ironizou os possíveis efeitos da vacina desenvolvida pela Pfizer-BioNTech, dizendo: *“Se você virar jacaré, é problema seu”* (G1, 2020). A frase, dita num contexto de desprezo e desinformação, fez parte de um discurso mais amplo em que o presidente questionava as garantias oferecidas pela farmacêutica e o próprio processo de vacinação. Rapidamente, a declaração ganhou repercussão nacional e internacional, sendo amplamente replicada por veículos de imprensa, redes sociais e, posteriormente, até por carros alegóricos do carnaval de São Paulo (G1, 2021). Longe de ser apenas uma piada, o comentário se tornou símbolo de uma estratégia retórica de desconfiança, reforçando a ideia de que a vacina poderia ser arriscada, desconhecida ou mesmo perigosa. Além do deboche, Bolsonaro reforçou sua posição antivacina ao afirmar, em diversas ocasiões, que não se imunizaria (G1, 2021).

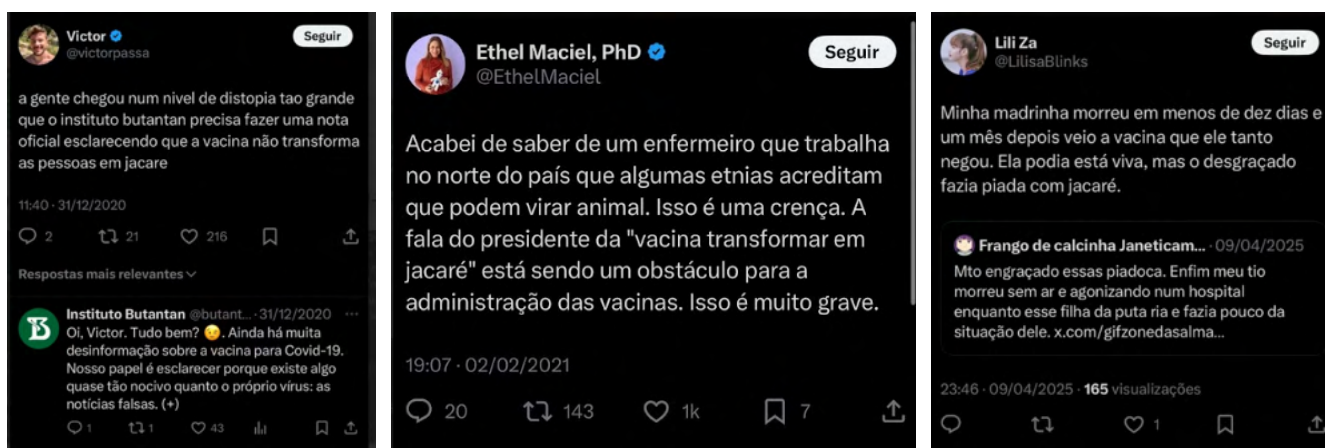
Essa retórica se somava à promoção insistente de outros medicamentos, como a hidroxicloroquina e a ivermectina, que passaram a ocupar o espaço simbólico da “cura” ou “tratamento eficaz” contra a COVID-19 para as camadas populacionais alinhadas com as ideias e o direcionamento político do presidente, os “bolsonaristas”. Mesmo sem respaldo técnico das principais instituições de saúde pública (ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 2021) e com alertas crescentes sobre seus riscos e ineficácia, esses fármacos foram defendidos por Bolsonaro como alternativas viáveis à vacinação. Ao se apresentar como defensor de um “tratamento precoce”, o presidente e seus apoiadores construíam um cenário em que a vacina deixava de ser central. A cloroquina, nesse contexto, não era apenas um remédio: ela disputava o mesmo papel de salvadora que viria a ser atribuído à vacina. O sucesso de um implicava o descrédito do outro. Ao desdenhar do imunizante, o governo fortalecia sua própria narrativa de enfrentamento, uma que não dependia da ciência global, mas de soluções nacionais, imediatas e alinhadas à sua base ideológica.

Figura 8 e 9 – Escola Rosas de Ouro, no carnaval de 2022 em São Paulo, onde intérprete de Bolsonaro virava Jacaré ao “tomar vacina”



Essas declarações repercutiram fortemente nas redes sociais. A fala do “jacaré” passou a ser apropriada tanto como forma de resistência por apoiadores, quanto como alvo de deboche por opositores. Memes, vídeos, charges e postagens ironizando ou denunciando a postura do presidente circularam amplamente, alimentando a tensão entre os discursos pró e contra a vacinação. Nesse cenário, o debate sobre a vacina se transformou em disputa simbólica, afetiva e política.

Figura 10, 11 e 12 – Manifestações populares na rede social “X” entorno dos comentários do ex-presidente Jair Bolsonaro, enfatizando sua fala do “jacaré”



Fonte: Prints autorais

Esse episódio mostra como, mesmo antes da chegada das primeiras doses, a vacina já habitava um campo de conflito. Um artefato costumeiramente associado à proteção e ao cuidado coletivo, passou a ser marcada também por dúvida, medo, escárnio e negação. A frase do jacaré, nesse sentido, sintetiza um gesto de deslegitimação que ajudou a moldar um cenário de hesitação vacinal, descredibilizando a confiança pública e abrindo espaço para outras narrativas — muitas vezes fundamentadas em desinformação, desconfiança institucional e discursos de autopreservação.

4. Vacina como instrumento de luta

Em meio ao posicionamento do governo federal em relação à pandemia da COVID-19, a vacina se tornou um dos principais símbolos da disputa política no Brasil, ela passou a ocupar o centro do embate entre diferentes projetos de país. Diante da recusa do presidente Jair Bolsonaro em apoiar campanhas de vacinação, das falas desqualificando o imunizante e do atraso intencional nas

negociações de compra, a vacina emergiu como bandeira de luta. Nesse cenário, movimentos sociais, coletivos de comunicação, profissionais da saúde, artistas, entidades científicas e parte expressiva da população começaram a se mobilizar para reivindicar publicamente a vacinação como um direito coletivo e urgente.

Nas manifestações que tomaram as ruas em 2021, a vacina aparecia estampada em faixas, cartazes, blusas e bottons. Ela era apresentada como sinônimo de vida, ciência e responsabilidade, em contraponto direto à postura negacionista do presidente. A figura de Bolsonaro foi progressivamente transformada em vilã dentro dessa narrativa: alguém que boicota, atrasa e despreza um recurso vital, mesmo diante do avanço das mortes (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021). O termo “genocida” passou a ser amplamente utilizado por manifestantes, artistas e parlamentares para descrever a atuação presidencial, acusando-o de responsabilidade direta pela morte de milhares de brasileiros em razão da negligência vacinal. Nessa construção, a vacina não apenas salvava vidas, mas também desmascarava omissões, denunciava o desgoverno e servia como ferramenta de acusação política.

Figura 13 e 14 – Imagens das manifestações em 2021, no Rio de Janeiro e São Paulo, contra o governo e a favor da vacina. Nelas observamos a vacina sendo demandada nos cartazes e faixas.



Fonte (da direita para a esquerda): Joana Bastos e Júlia Lobo

Figura 15 e 16 – Imagens das manifestações em 2021, no Rio de Janeiro e São Paulo, em que Bolsonaro aparece como protagonista sendo atrelado ao papel de genocida.



Fonte (da direita para a esquerda): fotos de Marina Scalabrin e Júlia Lobo

Esse movimento de politização da vacina não se limitava às ruas. Desde antes da chegada do imunizante ao Brasil, a crítica ao governo federal já mobilizava manifestações nas redes sociais. Ainda em março de 2020, quando sequer havia previsão de início da vacinação, a hashtag *#BolsonaroGenocida* alcançou o primeiro lugar entre os assuntos mais comentados do Twitter (ISTOÉ, 2020), revelando a antecipação de uma disputa em torno da condução da pandemia. Quando a vacinação, de fato, começou em 2021, essa mobilização ganhou novos formatos: a vacina passou a ser representada como símbolo de resistência e responsabilidade coletiva, enquanto o presidente era apontado como um obstáculo à proteção da população. Nesse contexto, surgiram também iniciativas independentes que buscavam incentivar a vacinação. Um exemplo é a campanha “Vacina Sim”, lançada em setembro de 2021, que convocava artistas, profissionais da saúde e influenciadores para reforçar a importância da imunização completa e combater discursos hesitantes e desinformados (G1, 2021). Nesse cenário, ela se transformava em emblema de luta, afirmação política e construção de memória.

Figura 17, 18 e 19 – Imagens da campanha “Vacina Sim”, onde Ana Maria Braga, Astrid Fontenelle e Rafa Vitti posam com blusa tema da campanha para incentivar a imunização contra a Covid-19



5. Vacina como mercadoria

A vacina, nesse momento da pandemia, entra também na lógica do mercado. As negociações de compra, os contratos com laboratórios e os valores envolvidos revelam como a vacina passa a circular como um bem comercial disputado, valorizado e, por vezes, negligenciado.

Entre os dias 14 de agosto e 12 de setembro de 2020, o governo federal recebeu pelo menos dez emails com propostas de oferta para a aquisição de doses da vacina desenvolvida pelo laboratório Pfizer (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021), esses emails foram ignorados e recusados mesmo diante da escassez de imunizantes e do agravamento da pandemia (BBC, 2021). Em contrapartida, negociações envolvendo a Covaxin — com valores mais altos e irregularidades apontadas — ganharam destaque, sugerindo que a vacina também foi atravessada por interesses não apenas sanitários, mas políticos e econômicos (EXAME, 2021). A crítica à "vacina da China" (Corona Vac), feita reiteradamente pelo então presidente Jair Bolsonaro, também evidencia como o nome do fabricante passou a funcionar como um marcador ideológico, não só comercial (O GLOBO, 2021). Nesse cenário, a disputa política entre o governo federal e o governo de São Paulo se intensificou, especialmente após o governador João Doria se antecipar e anunciar a aquisição da CoronaVac (G1,2020) antes do governo federal, fato que será explorado com mais detalhes no tópico seguinte em "Vacina como disputa política".

A trajetória da vacina nesse contexto é marcada por uma série de negociações entre agentes públicos, instituições privadas, fabricantes internacionais e interesses diversos, inclusive os que envolvem reputação política, investimento financeiro e controle simbólico. As propostas de aquisição ganham visibilidade na imprensa e passam a alimentar debates públicos sobre responsabilidade, eficácia e prioridades do Estado. A cada nova proposta recusada ou contrato anunciado, reconfiguram-se as expectativas sociais, os alinhamentos institucionais e os julgamentos morais em torno dos gestores públicos. A vacina passou a ser tratada como *commodity*, sujeita a lobbies, barganhas e estratégias de precificação. Não bastava que fosse eficaz: era necessário que fosse viável economicamente e politicamente conveniente. Os nomes das fabricantes — Pfizer,

CoronaVac, AstraZeneca, Janssen — funcionavam como selos de procedência, agregando ou depreciando o valor monetário do produto, conforme o contexto e o discurso de quem falava.

A vacina se apresenta como um objeto que depende de preço, reputação e logística de distribuição, sendo mediada por fatores que extrapolam a saúde pública. Nesse agenciamento, ela é vendida, comprada, condicionada, recusada ou celebrada com base em seu valor de mercado e seu valor político, que frequentemente se embaralham.

6. Vacina como disputa política

A trajetória da vacina contra a COVID-19 no Brasil também foi marcada por conflitos de poder e disputas por protagonismo político. Um dos embates mais visíveis se deu entre o então presidente Jair Bolsonaro e o governador de São Paulo, João Dória, tendo como centro da discussão a vacina CoronaVac, desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituto Butantan.

Desde os primeiros anúncios da parceria entre o governo paulista e o laboratório chinês, a vacina era considerada peça central de um jogo político. Dória a mobilizava como um símbolo de eficiência administrativa e liderança diante do silêncio e falta de eficiência do governo federal; Bolsonaro, por sua vez, tentava desqualificá-la como forma de preservar seu capital político diante de sua base apoiadora composta de negacionistas.

Nesse contexto, Dória buscou se antecipar ao governo federal, estabelecendo acordos diretos para aquisição e produção da vacina em São Paulo (G1,2020), o que foi interpretado por Bolsonaro como uma ameaça à autoridade do presidente da república. A vacina, nesse contexto, é símbolo de rivalidade institucional. O presidente deslegitimou publicamente a CoronaVac, chamando-a de “vacina chinesa do Dória” (G1, 2020), enquanto o governador a promovia como um feito de sua gestão e um caminho concreto para a imunização em massa. A retórica bolsonarista apostava na desconfiança: explorava esse fato da vacina ter origem chinesa, para a associar a uma ameaça externa, e tachar Dória como traidor ou oportunista. A disputa atingiu seu ápice quando Bolsonaro chegou a comemorar publicamente a suspensão temporária dos testes da CoronaVac pela Anvisa (EXTRA, 2020), revelando como o governo federal utilizava episódios técnicos e científicos como munição política.

Essa disputa ficou ainda mais evidente quando, às vésperas do início da vacinação, Bolsonaro autorizou a antecipação do plano nacional, buscando não ficar para trás após o anúncio de Doria de que iniciaria a aplicação em São Paulo antes do governo federal (CNN, 2021). A corrida simbólica pela “primeira dose” escancarou esse papel da vacina, que passou a ser tratada como troféu político. A proteção da população, nesse cenário, ficou em segundo plano sendo atravessada por interesses eleitorais e tentativas de deslegitimação mútuas.

O processo de vacinação foi contaminado por disputas entre esferas de governo. A vacina não apenas dividia opiniões no campo simbólico e ideológico, mas também servia como ferramenta de visibilidade, prestígio e controle discursivo sobre a pandemia, ela tornou-se linha de fronteira entre projetos antagônicos de governo — um marcado pelo negacionismo, outro pelo marketing da ciência.

7. Vacina como performance

Em 17 de janeiro de 2021, a primeira dose da vacina contra a COVID-19 foi aplicada em território brasileiro. O momento, cuidadosamente escolhido, foi transmitido ao vivo e teve como protagonista a enfermeira Mônica Calazans, mulher negra, profissional da linha de frente, integrante de grupos de risco (G1, 2021). A imagem de Mônica sendo vacinada condensava uma série de expectativas e tensões: ela foi apresentada como símbolo da confiança na ciência e no SUS, mas também como resposta às dúvidas e ao medo que circulavam com força no país. Sua fala, “não tenham medo” (G1, 2021), não foi apenas uma expressão pessoal, mas uma tentativa de estabilizar sentidos em meio à instabilidade generalizada.

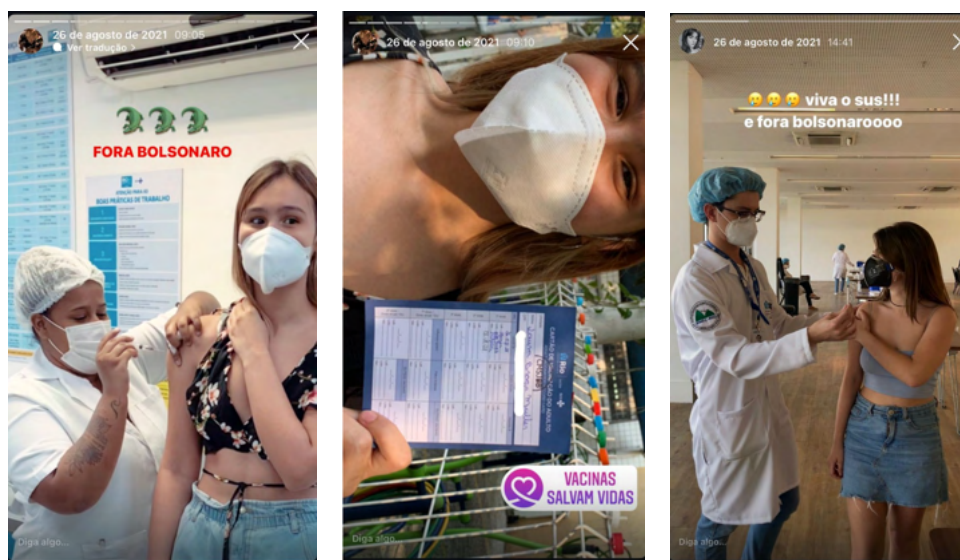
Figura 20 – Imagem da primeira dose de vacina contra a COVID-19 sendo aplicada no Brasil em Mônica Calazans, acompanhada de Doria, então governador do Estado de São Paulo.



A vacina que chegou até o braço de Mônica é resultado de uma rede extensa e controversa que atravessa fronteiras, interesses geopolíticos, laboratórios, disputas federativas e campanhas públicas e privadas de comunicação. Naquele gesto simples — uma agulha entrando no braço — estavam implicadas múltiplas camadas de mediação, negociação e conflito. O corpo de Mônica se tornou território de inscrição dessa complexidade, e sua imagem circulou como ferramenta de convencimento, mas também de disputa. Não havia nada neutro ali: nem o corpo, nem a vacina, nem o momento. Tudo operava em meio à tentativa de produzir confiança, ao mesmo tempo em que forças contrárias se moviam para deslegitimar esse mesmo processo.

Essa performance não se limitou apenas a casos noticiados na televisão. À medida que o imunizante foi sendo disponibilizado para diferentes faixas etárias, uma nova prática de comunicação tomou força: postar o momento da vacinação nas redes sociais. Braços à mostra, *band-aids* pós vacinação, selfies no posto de saúde, fotos com as profissionais de saúde e com comprovantes de vacinação passaram a compor um repertório visual e afetivo compartilhado. A vacinação se tornava, assim, não só um ato de cuidado sanitário, mas também um gesto público — posicionado, performado e registrado.

Figura 21,22 e 23 – Imagens compartilhadas do momento de vacinação nas redes sociais, acompanhando mensagens contra o presidente da república e a favor da vacina.



Fonte: 21 e 22 são fotos autorais e 23 de Marina Casotti

Essa exposição voluntária do ato de se vacinar carregava múltiplos sentidos: reafirmação de confiança na ciência, crítica indireta (ou direta) ao negacionismo, celebração da vida, mas também pertencimento a um grupo, o dos que acreditam, cuidam e fazem a sua parte. As imagens produzidas não apenas documentavam o momento, mas o ritualizavam. A vacina se transformava em narrativa, e o corpo vacinado em suporte simbólico dessa construção.

Com o avanço da campanha, surgiram variações criativas desse gesto: camisetas com frases de efeito, plaquinhas distribuídas nos postos de saúde, coreografias de comemoração e até produções mais elaboradas com trilha sonora e efeitos. Em alguns casos, a vacina se tornava algo simbólico individual — que precisava ser mostrado, celebrado e até estetizado. Esses registros formaram um arquivo visual coletivo, que, além de contribuir para normalizar a imunização, atuava como contraponto direto às campanhas de desinformação.

Nesse processo, o ato de se vacinar é também um enunciado político, um gesto estético e um marcador de identidade — uma forma de expressão pública que carregava sentidos de resistência, orgulho e esperança.

8. Vacina como imposição

A ideia de obrigatoriedade vacinal no Brasil não surgiu com a pandemia de COVID-19. Em novembro de 1904, o Rio de Janeiro foi palco de uma das revoltas urbanas mais emblemáticas da história brasileira: a Revolta da Vacina. A insatisfação popular explodiu diante da tentativa do governo de tornar obrigatória a vacinação contra a varíola, em meio a um projeto mais amplo de “modernização” da cidade, que incluía reformas urbanas e sanitárias radicais. As medidas vinham sendo conduzidas por Oswaldo Cruz de forma repressiva, incluindo invasões domiciliares e campanhas forçadas, em um contexto de ausência de diálogo com a população — que já sofria com remoções violentas, militarização e desigualdade. A vacina, nesse cenário, se tornou o estopim de um levante muito mais profundo: sua obrigatoriedade foi lida como invasão do Estado nos corpos e nos lares, alimentando uma atmosfera de desconfiança, medo e ressentimento (FIOCRUZ, 2022). O conflito durou cinco dias, deixou mortos, feridos, centenas de presos e levou o governo a decretar estado de sítio. A partir dali, a vacina obrigatória foi suspensa (BUTANTAN, 2022). No entanto, o episódio marcou profundamente a relação entre ciência, Estado e população no Brasil,

inaugurando um imaginário duradouro em torno da vacinação como imposição — um imaginário que seria reativado de forma tensa e complexa mais de um século depois, durante a pandemia de COVID-19.

A discussão sobre a obrigatoriedade voltou à cena pública em 2021, mobilizando discussões nos três poderes da república e dividindo opiniões na sociedade (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2020). Embora não houvesse uma imposição legal para todos os cidadãos, medidas como o passaporte vacinal — exigido em universidades, eventos e aeroportos — foram adotadas para conter a transmissão. Críticos alegaram que se tratava de uma imposição disfarçada, que feria liberdades individuais. Um dos exemplos desse posicionamento foi o do deputado estadual Silvio Fávero (MT), que apresentou um projeto de lei na Assembleia Legislativa contra a obrigatoriedade da vacina (O GLOBO, 2021) Na justificativa, Fávero afirmava ser necessário “assegurar o direito de o cidadão escolher ou não pela sua vacinação”, argumentando que havia “insegurança quanto à eficácia e eventuais efeitos colaterais das vacinas”, cujos impactos a curto, médio e longo prazo seriam, segundo ele, “desconhecidos e irreparáveis” (UOL, 2021). Em março daquele ano, o deputado faleceu em decorrência da própria COVID-19, o que acabou gerando grande repercussão pública. Profissionais da saúde, por outro lado, alertavam que, sem essas restrições, haveria risco de novo descontrole da pandemia (CNN Brasil, 2021). O argumento central era o da proteção coletiva: o direito individual de não se vacinar não poderia se sobrepor ao direito coletivo à saúde pública.

Em 2025, essa tensão se intensificou com a ampliação da campanha para crianças. A decisão do Superior Tribunal de Justiça, que confirmou a obrigatoriedade da vacina para o público infantojuvenil, e a possibilidade de multas para os pais por recusa, reacenderam o debate (COFEN, 2025). Figuras como a ex-ministra Damares Alves se manifestam publicamente desde o início da vacinação, acusando o governo de autoritarismo e prometendo medidas judiciais contra o Ministério da Saúde em relação à obrigatoriedade do uso do imunizante em crianças (GAZETA DO POVO, 2023).

Se no início do século XX a vacina foi rejeitada por medo e por falta de informação, mais de 100 anos depois, essa recusa se deu ao excesso de informações, muitas vezes falsas — as *fake news* — e discursos negacionistas. A vacina nesse contexto é um dispositivo de disputa sobre corpos e direitos.

9. Vacina como objeto de propaganda

Após o início da campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil, a principal urgência deixou de ser apenas o acesso aos imunizantes, passou a ser também de convencer a população de que a vacina era segura, necessária e urgente. Em um contexto marcado por desinformação, hesitação em tomar a vacina e campanhas negacionistas, o esforço de mobilização assumiu múltiplas linguagens e frentes. Não se tratava apenas de informar, mas de comover, engajar e gerar identificação.

As redes sociais tornaram-se palco privilegiado dessa estratégia. Órgãos públicos, secretarias de saúde e campanhas institucionais buscaram adaptar sua comunicação ao estilo e repertório das novas gerações. Um exemplo emblemático foi o perfil da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, que passou a adotar uma linguagem informal, repleta de memes, referências pop e gírias, conectando-se diretamente à chamada geração Z, indivíduos nascidos aproximadamente entre 1997 e 2012 (EXAME,2020). Posts com referências a cantores, livros, desenhos animados, jogos e filmes combinavam leveza, humor e apelo emocional, criando uma atmosfera de acolhimento e proximidade. A vacinação, em 2021, passava a integrar o cotidiano digital, promovendo pertencimento e desejo de participação coletiva.

Figura 24,25,26 e 27 – Imagens compartilhadas no perfil do Instagram da Secretaria de Saúde do Município do Rio de Janeiro, que anunciam datas de vacinação para jovens fazendo alusão a cantora, filme, livro e anime.



Ao lado dessa linguagem jovem e conectada, houve também o resgate de símbolos afetivos que marcaram a história da imunização no país. O mais emblemático deles foi o Zé Gotinha, criado em 1986 por Darlan Rosa a pedido do Ministério da Saúde, com o objetivo de promover campanhas de vacinação infantil, especialmente contra a poliomielite (BUTANTAN, 2023). Com seu visual simples e amigável, o personagem rapidamente se transformou em um ícone da saúde pública e da proteção coletiva, conquistando a confiança de crianças e adultos. Durante a pandemia, sua presença foi reativada com força, funcionando como ponte entre memória, cuidado e confiança.

Figura 28 – Cartazes que ilustram Zé Gotinha em campanhas de vacinação



Fonte: Acervo Instituto Butantan

No contexto da pandemia, Zé Gotinha passou a aparecer em vídeos institucionais, materiais gráficos, lives, ações simbólicas em postos de saúde e até mesmo acompanhando operações de distribuição de vacinas em aviões da Força Aérea Brasileira, como no Maranhão (GOVERNO DO MARANHÃO, 2021). Em 2021, foi lançada a “Família Zé Gotinha”, com novos personagens representando outras vacinas importantes, como forma de ampliar o alcance da campanha e dialogar com o público infantil e suas famílias (GOVERNO FEDERAL, 2021). A ideia era simples, mas com grande propósito: mostrar que a vacinação era um cuidado que se compartilhava em casa, um valor transmitido entre gerações. O gesto de vacinar como um ato de amor, de proteção familiar e responsabilidade coletiva.

Figura 29 – Zé Gotinha acompanhando chegada de vacinas no Maranhão



Fonte: Wellington Silva

Figura 30 – Família Zé Gotinha em evento organizado pelo governo federal em 2021



Fonte: Clarice Castro/MMFDH

Figura 31 – Painel com Zé Gotinha estampado para tirar foto após aplicação da vacina em 2021.



Mais do que uma estratégia visual ou pedagógica, o retorno do Zé Gotinha mobilizou afetos históricos. Sua imagem, associada à infância, à escola e às campanhas de saúde bem-sucedidas de décadas passadas, funcionava como uma espécie de antídoto à desinformação e ao medo. Em um momento em que a vacina era disputada nos discursos e nas redes, Zé Gotinha se apresentava como um personagem confiável, um “velho conhecido” que ajudava a construir pontes entre o presente pandêmico e a memória de um Brasil que soube cuidar de sua população por meio da ciência.

A estratégia de mobilização pública em torno da vacina deixou evidente que a adesão ao imunizante não era movida apenas por dados ou argumentos técnicos, mas por narrativas que ativavam vínculos, memórias e afetos. A vacinação contra a COVID-19 se tornou também um fenômeno cultural, promovido por campanhas que sabiam dialogar com públicos diversos, misturando humor, nostalgia, informação e emoção. Dessa forma, o convencimento foi sendo construído cotidianamente, não como imposição, mas como uma convocação coletiva à esperança.

10. Vacina como vilã

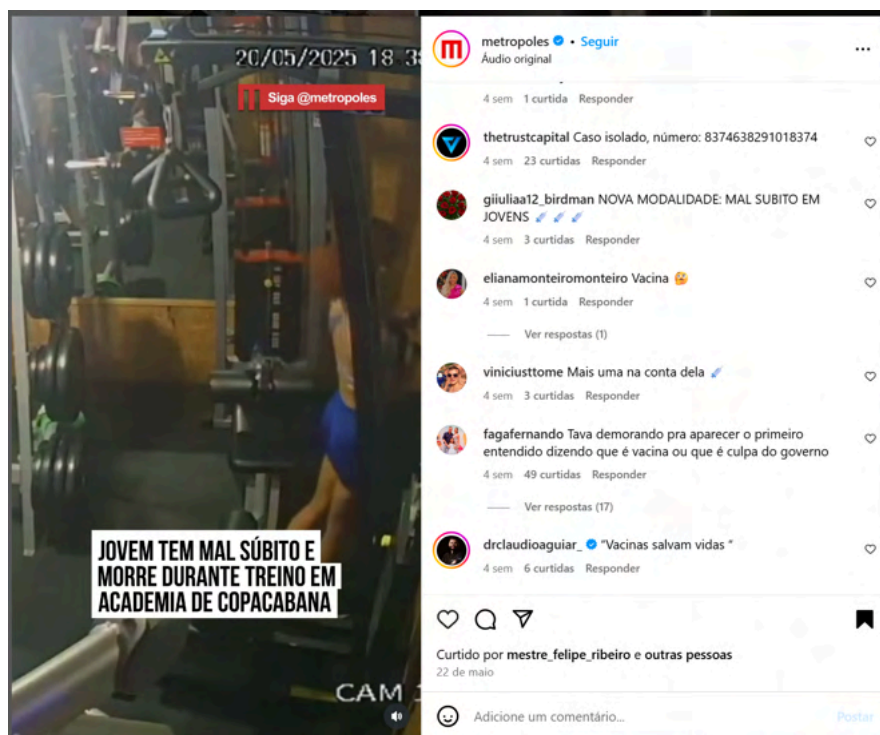
Se por um lado a vacina contra a COVID-19 foi celebrada como símbolo de esperança, por outro, tornou-se também alvo de intensa desconfiança. Em certos grupos e discursos, a vacina passou a ser tratada não como remédio, mas como veneno, um agente oculto de doenças graves, colapsos súbitos e até transformações cognitivas. Esse fenômeno marcou um novo estágio da circulação de desinformação no Brasil, em que o próprio ato de imunizar passou a ser visto como uma ameaça.

Com o avanço da vacinação em massa, especialmente a partir de 2021, passaram a se espalhar nas redes sociais rumores de que as vacinas estariam associadas a casos de morte súbita, AVCs e doenças cardiovasculares. Com base em vídeos descontextualizados e relatos mentirosos, surgiram narrativas sensacionalistas que criaram um falso vínculo entre o imunizante e um suposto aumento de casos de colapsos físicos repentinos, especialmente entre jovens. Em 2024, o Ministério da Saúde precisou se posicionar oficialmente sobre o tema, afirmando que não existe qualquer evidência científica que comprove relação entre vacinas e mal súbito, e classificando esse tipo de conteúdo

como uma forma grave de desinformação com potencial de impacto direto na saúde pública (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024)

Casos recentes ganharam repercussão e exemplificam como essa lógica de culpabilização se manifesta no cotidiano digital. Em maio de 2025, a morte repentina de uma jovem dentro de uma academia no Rio de Janeiro gerou comoção (G1, 2025) e imediatamente foi seguida por uma enxurrada de comentários nas redes sociais associando o evento à vacina contra a COVID-19, muitos sem qualquer embasamento. Situação semelhante ocorreu com o divulgador científico e youtuber Pirulla, que sofreu um AVC e passou por cirurgia no mesmo mês (ESTADÃO, 2025). Embora ele próprio não tenha feito qualquer menção a vacinas como causa, diversas publicações e comentários utilizaram emojis de seringa ou levantaram insinuações infundadas sobre uma suposta relação com a imunização. Esses episódios ilustram como a desinformação atua não apenas como discurso organizado, mas também como reflexo cultural, incorporado de forma quase automática em relações públicas.

Figura 32 – Postagem do perfil Metrôpoles no Instagram informando mal súbito que uma jovem sofreu em uma academia no Rio de Janeiro, ao lado, os comentários da postagem atrelam a culpa à vacina.



Fonte: Print autoral

Figura 33 – Compilado de postagens na rede social X que atrelam AVC que o *youtuber* Pirulla sofreu a vacina



Fonte: Print autoral

Outro alvo recorrente da desinformação foi o autismo. Grupos antivacina recuperaram uma teoria já refutada há décadas — que vacinas poderiam causar transtornos do espectro autista — e a aplicaram ao caso da COVID-19, ignorando completamente o consenso científico. Mais uma vez, o Ministério da Saúde precisou reforçar publicamente que não há qualquer relação entre vacinação e autismo, e que esse tipo de alegação contribui para o preconceito, o estigma e o medo injustificado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024).

A retórica que transforma a vacina em vilã opera por meio de estratégias de simplificação emocional e fabricação de inimigos invisíveis. Em vez de debates sobre comorbidades, contextos clínicos ou condições prévias, surgem explicações rápidas e dramáticas que colocam a vacina como culpada de

tragédias individuais. O imunizante passa a ser visto como um corpo estranho, perigoso, quase conspiratório.

Esse processo não ocorre de forma espontânea. Ele é alimentado por desconfiança institucional, ressentimento político e capitalização de medo nas redes, onde conteúdos alarmistas circulam com mais velocidade do que informações verificadas. A vacina, que historicamente simboliza o cuidado coletivo, foi transfigurada por certos discursos em objeto de controle, experimento, ou punição disfarçada. A dúvida sobre seus efeitos foi moldada não por dados, mas por emoções: medo, luto, impotência e raiva, muitas vezes instrumentalizados em disputas ideológicas mais amplas.

Essa transformação da vacina em vilã evidencia não apenas o poder da desinformação, mas também o enfraquecimento do pacto de confiança entre sociedade, ciência e Estado. Rompido esse laço, a vacina deixa de ser proteção e passa a ser suspeita.

11. Considerações finais

A partir do percurso realizado, tornou-se evidente que a vacina contra a COVID-19, ao circular por diferentes redes, assumiu múltiplos papéis, foi convocada por diferentes atores, tensionada em disputas e atravessada por controvérsias. Em vez de buscar uma definição unívoca que pretendesse englobar todos os papéis, a pesquisa optou por explicitar as controvérsias, acompanhando os diferentes modos de atuação da vacina.

Esse movimento permitiu observar a vacina como um ator, ocupando papéis diversos que revelam a pluralidade de identidades da vacina durante o contexto da pandemia.

PARTE II: PROJETO EXPOGRÁFICO

1. Proposta

A complexidade das controvérsias que envolveram a vacina contra a COVID-19 no Brasil, como demonstrado na Parte I deste trabalho, exige uma tradução que extrapole as fronteiras do texto acadêmico. A vacina, que se manifestou simultaneamente em diversos papéis, demanda um dispositivo de comunicação capaz de lidar com sua multiplicidade e não-linearidade.

É neste contexto que o Design encontra na expografia uma potente ferramenta. A exposição, segundo Cury (2005), constitui-se como a "principal forma de aproximação da sociedade de seu patrimônio cultural", e sua relevância na contemporaneidade é inegável, especialmente ao trazer para reflexão e debate temas complexos e polarizados. O Design de Exposições pode ser entendido como um método de intervenção ativo no processo comunicativo (CARDOSO, 2005). O projeto expográfico é um dispositivo sociotécnico de mediação, que possibilita a presença dos atores heterogêneos que compõem a rede mapeada, desde as pesquisas científicas de ponta até os memes de desinformação. O objetivo central não é oferecer uma narrativa unificada, mas sim abrir o debate e ativar a capacidade crítica do público.

A Expografia permite que a mensagem recorra a uma linguagem diferente daquela que esteve na origem dos conteúdos (CARDOSO, 2005). Em uma exposição, os objetos são apresentados, e os "processos de interpretação que cabe ao utilizador/observador construir, redefinir, encontrar e/ou acrescentar" (CARDOSO, 2005) ficam em aberto. Essa prerrogativa de co-construção faz da exposição a escolha ideal para a tradução da pesquisa feita na Parte I, pois alinha a experiência do visitante ao princípio da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2005) de que os objetos e sentidos são constantemente disputados pelos atores

A proposta de projeto é convidar os espectadores a refletir sobre a pluralidade de papéis que a vacina assume, utilizando uma linguagem acessível e que seja visualmente atrativa para mediar essa complexidade.

A Parte II deste trabalho, portanto, consiste no desenvolvimento de uma proposta detalhada de projeto expográfico, que não será implementada neste momento. O resultado deste trabalho será um projeto técnico completo, passível de ser submetido a editais de cultura e fomento, garantindo que uma eventual execução futura da exposição possa ser feita seguindo as diretrizes estabelecidas.

2. Análise de similares

A análise de similares é uma etapa crucial para fundamentar as escolhas de Design e as soluções expográficas da proposta de projeto. O objetivo foi obter um repertório de formatos e possibilidades que atestassem tanto a pertinência do tema quanto a eficácia da forma, auxiliando na tradução de um conteúdo academicamente denso em uma linguagem visualmente atrativa e acessível. Para tal, foram selecionados quatro projetos de referência: Vacina! e Caminhos da Vacina, pela sua afinidade temática, e Rua da Relação, 40 e Carmen Portinho, modernidade em construção, pela sua relevância estrutural e formal.

A exposição Vacina! desenvolvida pelo Museu da Vida Fiocruz (FIOCRUZ, 2024) aborda o tema da imunização com foco na história, na ciência e na importância da vacinação para a saúde pública brasileira. Sua curadoria adota um viés didático e informativo, característico de centros de divulgação científica, que busca reforçar o consenso científico e celebrar o legado de instituições como a Fiocruz no combate a doenças, entre os módulos estão os seguintes temas: História das vacinas; Vírus e bactérias; Tipos de vacinas; Profissionais da vacina; Vacina no braço; Vacinas e doenças; Vacinas, cadernetas e calendários; Jornada da vacina e Cobertura vacinal; Jogo da pandemia: Verdadeiro ou falso e Lembranças da vacina, que ficam espalhados pelo ambiente de forma a criar um fluxo para a visita da exposição. O projeto se destaca por sua concepção itinerante, passando por estados como Rio de Janeiro, Paraíba e Amapá (FIOCRUZ,s.d), e por sua versão digital, navegável e interativa que funciona como um tour virtual, que amplia o acesso e o alcance do conteúdo.

Figura 34 e 35 - Espaço virtual da exposição Vacina!



Fonte: Print autoral

A exposição Caminhos da Vacina (MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, 2015) inverte o foco temático. Lançada como parte de uma campanha de acesso a medicamentos, ela não se concentra na história da ciência, mas sim no desafio logístico, humanitário e de infraestrutura para levar o imunizante a populações remotas, tomando como estudo de caso o percurso desde o armazém em Bruxelas até vilarejos na República Democrática do Congo. O projeto utilizou contêineres interativos e uma estrutura que simulava uma caixa térmica, objeto central na manutenção da cadeia de frio. Este formato, por ser modular e contido, reforça a natureza itinerante da exposição. No interior, a mostra utilizava fotos, vídeos, textos e mapas para dramatizar os obstáculos encontrados, grandes distâncias, falta de eletricidade e o custo das doses.

Figura 36 e 37 - Exposição Caminhos da Vacina no Parque Ibirapuera em São Paulo



Fonte: Médicos Sem Fronteiras

Se as análises temáticas confirmaram a necessidade de um discurso que aborde a complexidade e a logística do imunizante, as referências formais e estruturais fornecem o repertório de design para resolver a transcrição desse conteúdo denso para o espaço expositivo. O primeiro exemplo é a

exposição Rua da Relação, 40 que possui como tema o testemunho material da violência de Estado ocorrida durante a ditadura militar no Brasil. A mostra foi concebida para resgatar a memória do antigo prédio da DOPs, um local que abrigou prisões e atos de repressão, expondo documentos, depoimentos e evidências históricas de tortura e resistência, mesmo tratando de uma temática sensível e política, a relação entre a densidade histórica e a estrutura de sua expografia oferece um modelo de como estruturas claras podem sustentar narrativas complexa. (ABI, 2025)

A estrutura física da exposição foi composta de andaimes metálicos que replicavam o formato arquitetônico do prédio histórico, estabelecendo um potente elemento cenográfico e simbólico. Essa estrutura de andaimes delimitou um fluxo de percurso circular que guia o visitante de forma segmentada por todos os painéis de conteúdo. Os temas foram apresentados em painéis de MDF com conteúdo impresso, garantindo legibilidade e clareza. Para adicionar uma camada de interação e referenciar diretamente o tema de arquivo e repressão, a mostra incorporou gaveteiros de arquivos onde gavetas específicas propunham a interação com o público por meio de materiais adicionais e depoimentos. A exposição tem caráter itinerante com estrutura coberta que permite sua instalação em espaços externos.

Figura 38, 39, 40 e 41 - Exposição Rua da Relação, 40 no pátio externo do Museu da República no Rio de Janeiro



Fonte: Alexander Pereira/Atelier na Glória

A última exposição a ser analisada por conta de sua forma de expor os conteúdos foi Carmen Portinho, modernidade em construção que foi uma homenagem à engenheira, urbanista e militante feminista Carmen Portinho (1903–2001), figura central no modernismo brasileiro. A mostra propõe um olhar sobre a sua obra, que se estendeu da luta pela igualdade de gênero à habitação popular e à gestão cultural no MAM e na ESDI. Com a curadoria de Aline Siqueira, Raquel Barreto e Pablo Lafuente, a exposição reuniu mais de 300 documentos históricos. Sua principal lição estrutural reside na organização da complexa e multifacetada trajetória de Portinho, que abrangia quase todo o século 20, em três núcleos temáticos principais: “moradia e habitação popular”, “feminismo” e “arte e educação”. (ART RIO, 2025)

Estruturalmente, o projeto foi montado na área interna do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e utilizou a combinação de serralheria e painéis para criar os módulos expositivos. A organização dos documentos históricos nos painéis foi um ponto alto, demonstrando eficácia na apresentação e hierarquia de conteúdos. A mostra ainda utilizou a criação de ambientes dedicados a projeções de vídeos, permitindo o aprofundamento em recortes específicos da vida de Portinho, funcionando como um importante recurso de Mídia. Mas para um ponto de atenção, observou-se que a tipografia de apoio utilizada para legendas e textos de apresentação por vezes se misturava visualmente com a tipografia original dos documentos e dos materiais de arquivo expostos, dificultando a leitura e a distinção hierárquica entre o conteúdo curatorial e a peça documental.

Figura 42, 43, 44 e 45 - Exposição Carmen Portinho, modernidade em construção no MAM no Rio de Janeiro



3. Conceituação

No momento de análise dos resultados da pesquisa, ficou evidente como todos os papéis da vacina estão atrelados a sentimentos, e é essa organização que vai ser explorada nesse projeto. A metodologia de Maria Cardoso (2005) foi utilizada nessa fase para nortear o desenvolvimento do projeto expositivo, respondendo às seguintes questões:

1. Que caráter queremos dar à exposição, o de permanente ou o de temporária?

A exposição tem caráter temporário e itinerante. Ela foi pensada para ser montada em diferentes locais internos, com estruturas de fácil transporte. A escolha visa garantir a circulação do conteúdo, a adaptabilidade a novos espaços e um alcance ampliado a públicos variados, em detrimento de uma restrição a um espaço fixo e permanente.

2. Qual o modo de expor os objetos? Qual o médium? Qual a mensagem? Qual o conceito?

O modo de expor será por meio de módulos visuais organizados em torno de sentimentos relacionados à vacina: esperança, desconfiança, medo, raiva, alívio e orgulho, precedidos por um painel de contextualização e seguidos por um fechamento interativo. O médium central é gráfico-visual, com forte apoio em recursos tipográficos, cromáticos e fotográficos. A mensagem é mostrar que a vacina ultrapassa a dimensão biomédica, revelando seu papel como objeto de disputas, afetos e memórias sociais. O conceito da exposição é justamente dar visibilidade à multiplicidade de sentidos que a vacina assumiu durante a pandemia da COVID-19.

3. Quais os critérios para a sua percepção visual e qual a articulação com os conteúdos resultantes da pesquisa científica?

Os critérios de percepção visual partem das cores, que funcionam como chaves de leitura das emoções. Cada sentimento é associado a uma cor específica, ajudando o visitante a identificar rapidamente a atmosfera de cada módulo. Além disso, textos curtos, títulos claros e imagens de impacto dão ritmo ao percurso. Todo esse material é resultado direto da pesquisa acadêmica desenvolvida, que reuniu desde campanhas institucionais até *memes*, discursos políticos e

manifestações populares. Aqui, esses conteúdos aparecem reorganizados para articular ciência, política e cotidiano de forma acessível e visualmente marcante.

4. Como ordenar a coleção no espaço então definido? Segundo uma orientação cronológica, temática, tipológica, matérica, sequencial, seriada, ...

A coleção será ordenada de forma sequencial, seguindo uma narrativa que leva o visitante da contextualização da pandemia até os sentimentos finais de alívio e orgulho. O percurso se organiza por módulos emocionais (abordagem temática), mas dentro deles há também referências cronológicas, já que cada emoção remete a momentos distintos da pandemia. Assim, a estrutura mistura uma leitura sequencial (do início ao fim do percurso) com uma abordagem temática (cada módulo é um sentimento).

5. Como preparar e orientar o circuito da exposição?

O circuito será preparado de maneira linear, com entrada e saída bem marcadas. A sinalética vai se apoiar principalmente em cores e marcações visuais para guiar o visitante de forma intuitiva. As transições entre módulos já funcionam como marcadores espaciais, pois a mudança de cor reforça a ideia de passagem de um sentimento a outro. Além disso, a iluminação e a disposição espacial poderão ser trabalhadas para dar foco a certos momentos, criando pausas e intensidades que reforçam o fluxo narrativo da exposição.

Portanto, a partir das perguntas conclui-se que, o projeto desenvolvido é dividido em módulos por sentimentos, seguindo um fluxo entre os painéis: painel de entrada, contextualizando a pandemia, esperança, desconfiança, raiva, alívio, orgulho e encerramento. A exposição tem caráter itinerante e exige o desenvolvimento de estruturas que possam ser montadas e desmontadas rapidamente, garantindo a adaptabilidade a diferentes locais internos.

O título escolhido para a exposição é "Efeitos Colaterais: Afetos da Vacina da COVID-19". Esta nomeação é estratégica e conceitual. Ela ressignifica o termo "efeitos colaterais" para focar nas consequências sociais, políticas e emocionais que a vacina gerou na sociedade. O título posiciona o projeto como uma investigação que desempacota o artefato vacina, expondo os desdobramentos críticos e as tensões que moldaram a experiência da imunização no contexto da pandemia. A ênfase

nos "Afetos" justifica a organização estrutural da exposição em módulos emocionais, estabelecendo imediatamente a chave de leitura para o público

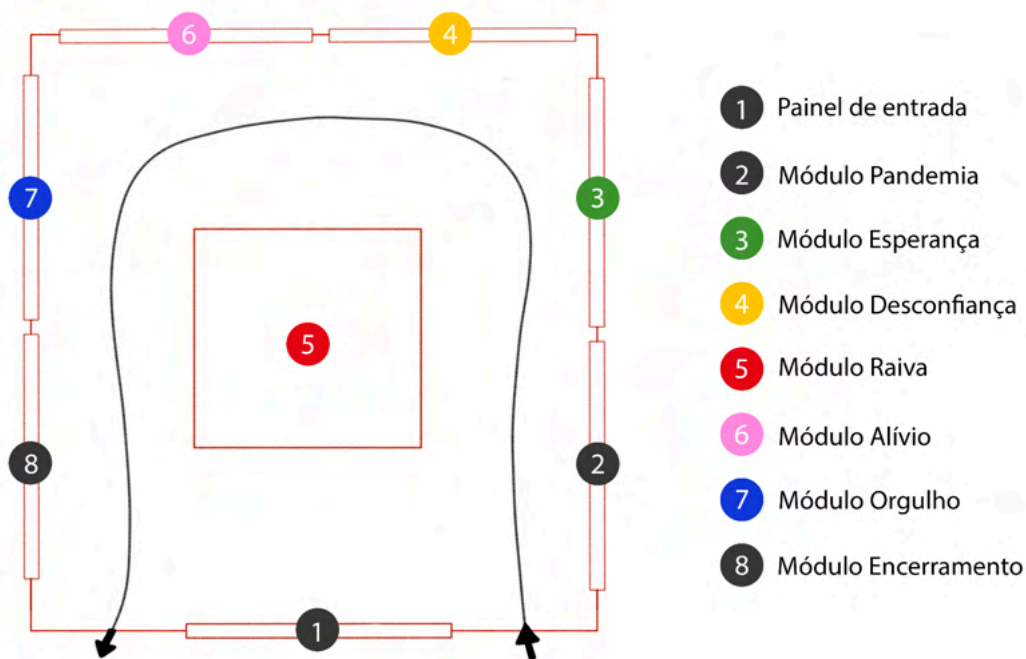
A estrutura modular, temática e sequencial é a solução encontrada para traduzir a densidade da pesquisa em uma experiência acessível e envolvente. A organização por sentimentos utiliza a cor como código visual primário, estabelecendo uma chave de leitura imediata que guia o visitante pelo percurso emocional da pandemia. A linearidade do circuito é uma estratégia para garantir um fluxo narrativo claro, conduzindo o público da polarização e do medo inicial à reflexão final sobre o orgulho e o alívio. Desta forma, a conceituação alinha a necessidade logística (itinerância) com a estratégia comunicacional (módulos emocionais), preparando o caminho para o detalhamento da estrutura física na próxima etapa.

4. Estrutura e fluxo de visitação

Para Cury (2005), a orienta o espacial constitui fator determinante na experiência do público. Dessa maneira pensar a dire o do percurso e estrutura física   crucial para garantir que a complexa narrativa do projeto seja transmitida de forma clara para os visitantes. Segundo Bayer (1939),   preciso pensar na questão da dire o, para guiar o indivíduo na ordem correta em todo material que deve ser visto, e a organiza o da massa de pessoas indo e voltando em um tráfego contínuo. Por isso, o projeto adota um circuito fechado, com entrada e saída bem definidas. Essa escolha garante que o visitante siga um caminho predeterminado, passando por todos os módulos.

O fluxo   organizado para criar um *storytelling* emocional, seguindo a evolu o dos sentimentos durante a pandemia. A experiência se inicia no painel de entrada, que explica o caráter da exposi o, seguido de uma contextualiza o da pandemia, sendo sucedido por esperança, desconfiança, alívio e orgulho, até o painel de encerramento. A linearidade deste percurso   intencionalmente rompida pela presença do módulo raiva, que   posicionado no centro do ambiente. Este módulo atua como um ponto focal e de convergência, abrigando uma sala de experiência interativa imersiva que demanda uma pausa no percurso para o aprofundamento do tema, antes do visitante retornar ao fluxo principal.

Figura 46 - Imagem que representa o fluxo e posi o dos painéis.

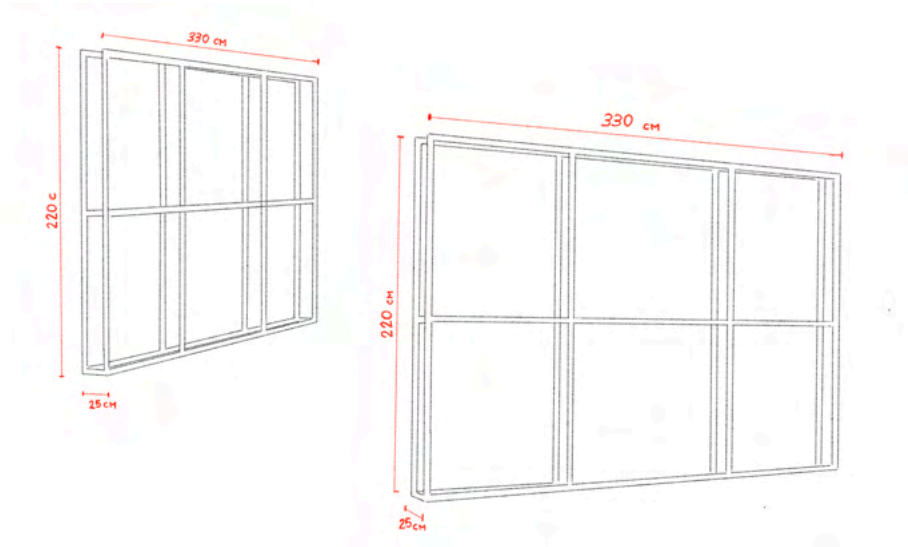


Fonte: Ilustração autoral

A solução pensada para a estrutura dos painéis baseou-se na modularidade autossustentável, uma escolha que se alinha às questões de logística e adaptabilidade observadas na análise de similares. Os módulos foram desenvolvidos para ficarem em pé sem a necessidade de paredes preexistentes, o que simplifica a montagem, o processo de desmontagem e o transporte, garantindo a rápida adaptação a diferentes espaços internos.

Para concretizar essa autonomia, as estruturas para os módulos expositivos são construídas em metalon de aço carbono, com dimensões de 330 cm de largura por 220 cm de altura. Este material foi selecionado por conta de sua facilidade de corte, soldagem e moldagem, permitindo que as estruturas se adaptem precisamente às necessidades do projeto. A proteção e o acabamento dessa estrutura são assegurados pela aplicação de pintura de esmalte sintético na cor de cada módulo. Esta tinta não apenas cumpre a função estética essencial para a codificação emocional da exposição, mas também oferece alta durabilidade, resistência e facilita a limpeza, características cruciais para a conservação da estrutura ao longo de sua circulação.

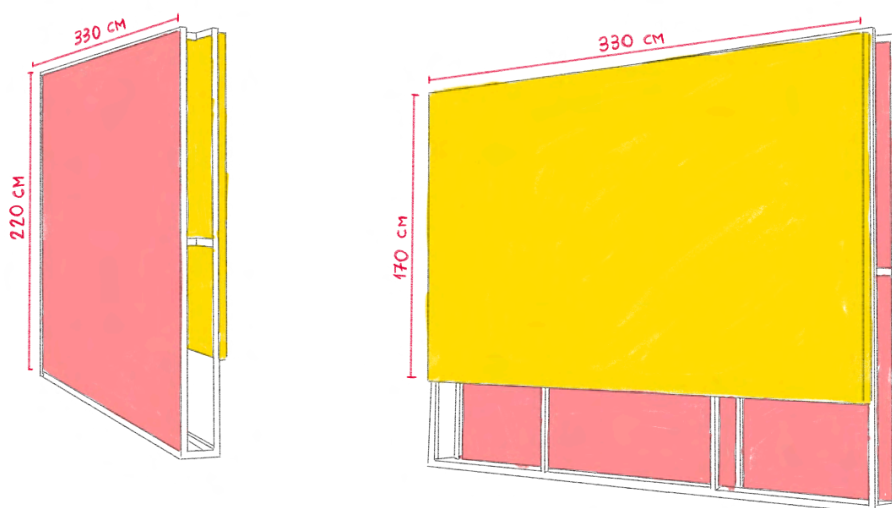
Figura 47 - Desenho da estrutura desenvolvida para os módulos da exposição



Fonte: Ilustração autoral

O conteúdo gráfico da exposição, por sua vez, é aplicado em painéis de 330 cm por 170 cm, de MDF com 3cm de espessura, os quais são fixados na estrutura de metalon. A parte traseira dessas estruturas é coberta por uma lona (330 cm por 220 cm), cuja função é ocultar a estrutura interna, camuflar elementos técnicos como cabos e aparelhos, e estética, com imagens pertencentes à identidade visual do projeto.

Figura 48 - Desenho da estrutura com painel de MDF (em amarelo) e lona (em rosa) aplicados.



Fonte: Ilustração autoral

Para fechar o circuito e permitir modular o tamanho total da exposição conforme a área disponível, o projeto foi complementado por estruturas para bandeiras (figura 49) impressas em tecido de acordo com a identidade visual com conteúdo relacionado aos painéis. Essas estruturas possuem as mesmas especificações técnicas de produção que as estruturas para os módulos, mudando apenas as dimensões, com 80 cm de largura por 220 cm de altura. A ideia é que elas possam ser posicionadas de acordo com as necessidades do local em que a exposição será realizada, flexibilizando o tamanho total da exposição.

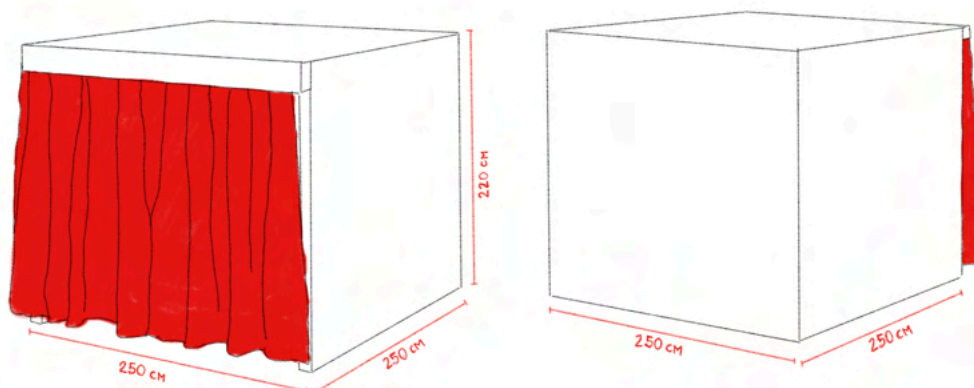
Figura 49 - Desenho da estrutura para bandeira isolada e com bandeira (em laranja) aplicada.



Fonte: Ilustração autoral

Exceções a este padrão de metalon-MDF são os módulos que exigem maior isolamento espacial: o painel com 300 cm de largura por 220 cm de altura, que é a entrada da exposição, e o módulo raiva, com paredes com 250 cm de largura e 220 cm de altura, localizado no centro do ambiente, que possui uma experiência interativa. Estes são construídos em *drywall*, sendo o módulo raiva projetado como um ambiente fechado, com acesso por cortinas, para abrigar a experiência imersiva.

Figura 49 - Desenho da estrutura do módulo raiva com cortina (em vermelho)

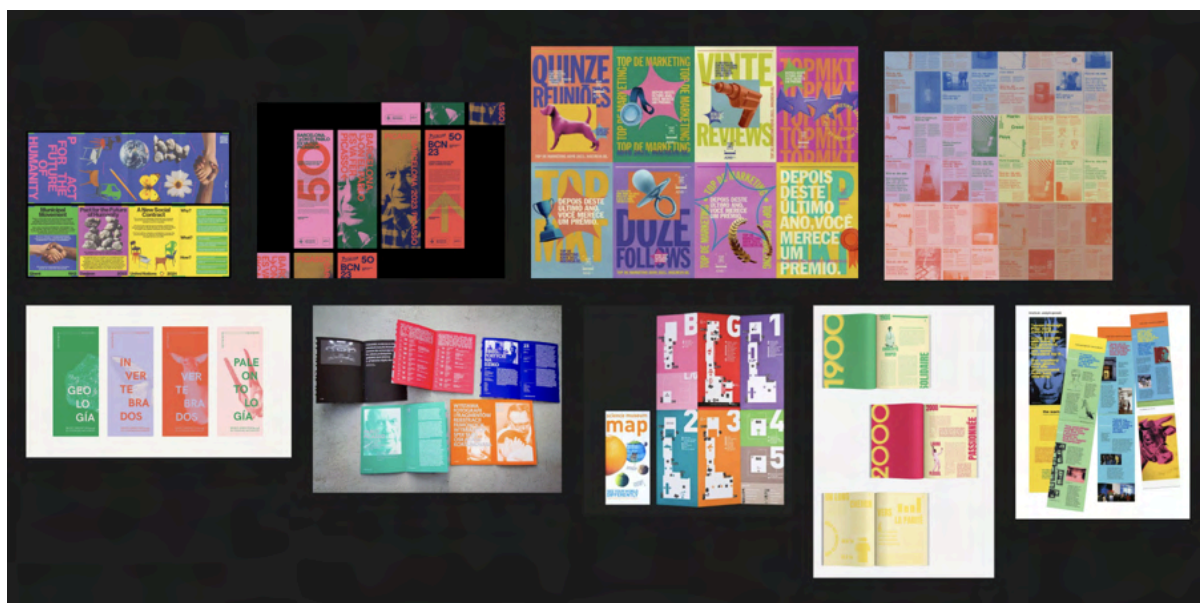


5. Identidade visual

A Identidade Visual da exposição é o componente que estabelece a ponte imediata entre o público e aquilo a ser apresentado na exposição, desde o momento da divulgação até o momento da visitação. A sua função é estratégica no processo de comunicação e divulgação, como apontado pelo IBRAM (2014): "a identidade visual é uma peça importantíssima no processo de comunicação e divulgação do museu. Um bom programa de identidade visual facilita a leitura do museu pelo visitante."

Dessa forma, a Identidade Visual do projeto foi concebida para ser colorida e marcante, com elementos gráficos que se integram diretamente à estrutura física da exposição. A criação foi norteadada por um *moodboard* que buscou organizar e reunir inspirações para definir a estética do projeto.

Figura 50 - Moodboard de inspiração para identidade visual



Fonte: Compilado pela autora

A paleta de cores é o elemento-chave da identidade. Ela atua como código de leitura primário, traduzindo o afeto de cada módulo e orientando o fluxo do visitante, conforme detalhado na estrutura física. A seleção cromática buscou criar um ciclo visual de alta saturação que acompanha a intensidade da jornada emocional da pandemia. As cores selecionadas foram branco para uso

restrito a tipografia, o cinza trazendo seriedade ao falar sobre a exposição e a pandemia, verde para esperança, amarelo para desconfiança, vermelho para raiva, rosa para alívio e azul para orgulho.

Figura 51 - Paleta cromática para a identidade visual da exposição com valores RGB, CMYK e HEX

Branco	Cinza	Verde Esperança	Amarelo Desconfiança	Vermelho Raiva	Rosa Alívio	Azul Orgulho
C0 M10 Y10 K0 R253 G236 B229 #fdece5	C68 M59 Y55 K64 R53 G53 B53 #353535	C82 M10 Y100 K2 R0 G150 B6 #009606	C7 M35 Y78 K0 R236 G172 B0 #ecac00	C7 M88 Y78 K0 R220 G58 B54 #dc3a36	C0 M60 Y9 K0 R249 G135 B172 #f987ac	C89 M64 Y0 K0 R0 G91 B206 #005bce

Fonte: Imagem autoral

A escolha tipográfica, por sua vez, foi pensada para garantir a clareza e a hierarquia do conteúdo. Para títulos, foi selecionada a fonte Monument Condensed Black, por sua presença e solidez, permitindo formar blocos de texto marcantes, Já para textos corridos e legendas, optou-se pela fonte Bernina, uma fonte sem serifa, que assegura alta legibilidade e conforto visual. Para citações em destaque, a fonte Monument Narrow foi a escolhida, uma versão menos condensada da escolhida para os títulos mas que possui a mesma personalidade geométrica e robusta. Na criação do logo da exposição (Figura 53 e 54), a ideia foi a partir da tipografia para formar um bloco, influenciado pela característica geométrica da Monument.

Figura 52 - Tipografias selecionadas para o projeto

Monument Condensed Black

Monument Narrow Black

Monument Narrow Regular

Bernina Sans Regular

Fonte: Imagem autoral

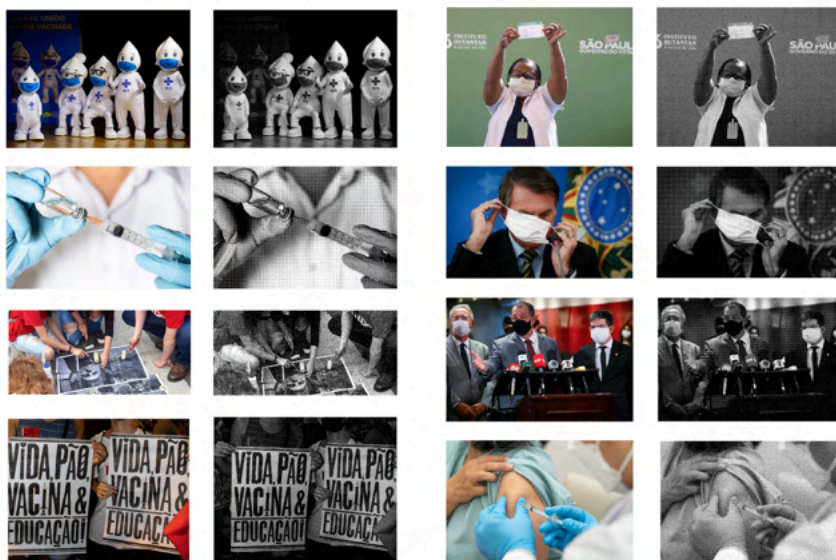
Figura 53 e 54 - Logo na versão vertical e horizontal, positiva e negativa.



Fonte: Imagem autoral

A composição visual é finalizada com elementos gráficos que reforçam a natureza complexa e não-absoluta do tema. O principal recurso gráfico empregado são as imagens reticuladas (*halftone*). A seleção imagética para aplicação deste recurso é composta por registros fotográficos de momentos chave da vacina durante a pandemia no Brasil, alinhados à atmosfera emocional de cada módulo, e imagens do ato da vacinação. No *Key Visual* e nos painéis, fundos coloridos e formas geométricas representam os sentimentos puros em sua totalidade. No entanto, o ato de atravessar essas imagens com a retícula (*reticulação*) simboliza a permeabilidade e a multiplicidade dos fatos e afetos da pandemia. O efeito gráfico ilustra o conceito de que, embora os sentimentos estejam segregados em módulos (cores), na realidade, nada é absoluto: as informações e as emoções se sobrepõem e se infiltram umas nas outras, espelhando a natureza interconectada e controversa do objeto de estudo.

Figura 55 - Imagens selecionadas para a identidade visual após aplicação do efeito *halftone*



Fonte: Imagem autoral

Figura 56 - Composição das imagens em retícula com fundo colorido



Fonte: Imagem autoral

Figura 57- Key visual da exposição com marca aplicada



Fonte: Imagem autoral

6. Módulos

O desenvolvimento dos módulos é a etapa em que as diretrizes conceituais e as escolhas de estrutura e identidade visual são aplicadas a cada unidade da exposição. Embora o conteúdo e a cor sejam específicos para cada emoção, o projeto utiliza um padrão modular, estrutural e visual unificado para garantir coesão e acessibilidade em todo o percurso.

O padrão modular é definido pela estrutura de metalon de aço carbono e painéis de MDF (conforme detalhado no tópico 4), garantindo a autossustentabilidade e o caráter itinerante. Esta estrutura-base é o esqueleto que acomoda o conteúdo gráfico dos módulos de esperança, desconfiança, alívio e orgulho, além do painel de contextualização da pandemia. É crucial notar que este padrão estrutural e visual se estende, conceitualmente, aos módulos que possuem estrutura física diferenciada, o Painel de Entrada e o Módulo Raiva, mantendo a mesma identidade e hierarquia visual, mesmo sendo construídos em *drywall*.

Figura 58- Modelo 3D do painel.

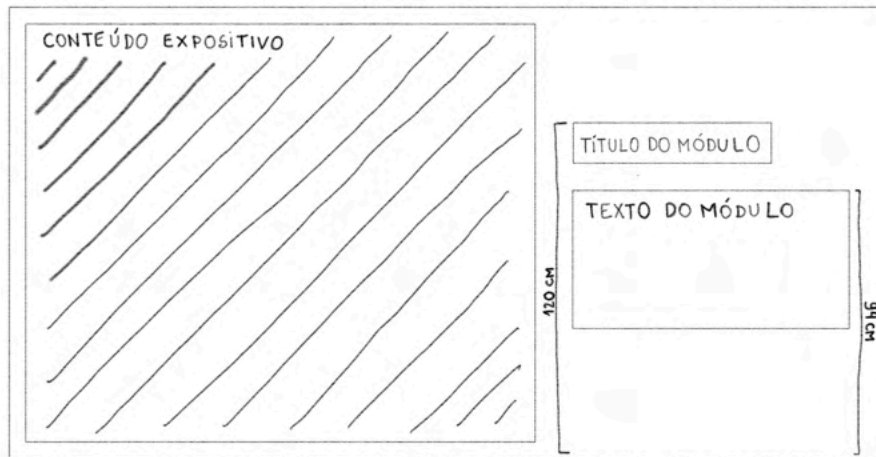


Fonte: Imagem autoral

A aplicação visual sobre esses painéis segue um sistema de *grid*, concebido para gerenciar os conteúdos (manchetes, fotos, citações e textos curatoriais) de forma organizada junto ao texto

explicativo do módulo e o título. A organização a partir do *grid* assegura a estética, a clareza e o equilíbrio na composição de cada módulo.

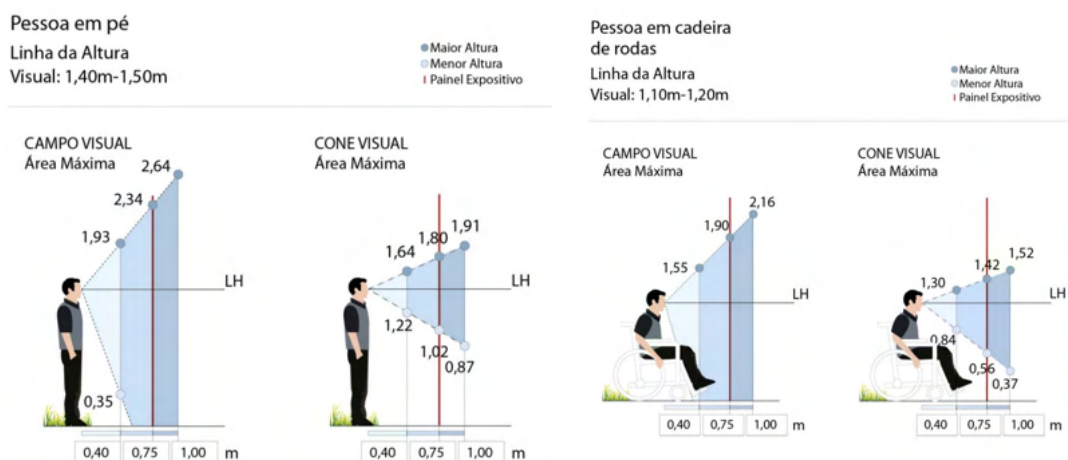
Figura 59- Grid para os painéis



Fonte: Imagem autoral

A organização do conteúdo no *grid* foi diretamente influenciada por questões de acessibilidade e ergonomia visual. As dimensões dos painéis são otimizadas para a altura de visão do público. A garantia de contraste adequado, o espaçamento entre linhas e a disposição dos blocos de texto foram planejados para promover o conforto visual e facilitar a leitura para diferentes faixas etárias.

Figura 60- Campo de visão e cones de visão de adulto em pé e adulto cadeirante.



Fonte: NDGA (2010)

A escolha dos tamanhos das fontes foi validada por testes de impressão, garantindo a legibilidade do conteúdo na escala real do painel. Para o texto corrido, foi definido o corpo de 50pt na fonte Bernina, garantindo a leitura confortável a uma distância padrão. As legendas utilizam o tamanho de 15pt na fonte Bernina; embora não necessitem do mesmo destaque do corpo de texto, esse tamanho foi testado e assegura a legibilidade das referências e informações complementares. Para otimizar o contraste e isolar a informação da legenda do fundo colorido do painel, o texto será impresso em uma etiqueta adesiva com uma tonalidade levemente mais escura que a cor dominante do módulo. Essa estratégia garante a acessibilidade e o destaque sutil da informação complementar, sem quebrar a imersão cromática. Por fim, os títulos e as chamadas principais são aplicados na fonte Monument Condensed Black com 550pt, reforçando a intenção de ter um forte peso visual e o máximo destaque para o título de cada módulo emocional.

Desta forma, o padrão unificado da estrutura, da hierarquia visual e das escolhas tipográficas está estabelecido. As decisões técnicas garantem a coesão do projeto, a acessibilidade e a ergonomia de leitura para o público. Com essa base técnica e visual definida, o foco se volta agora para escolha do conteúdo e da experiência específica de cada um dos módulos emocionais que compõem o circuito expositivo, suas especificações mais técnicas, como posicionamento e créditos dos materiais, estão presentes na PARTE III do projeto e em anexo no final do documento.

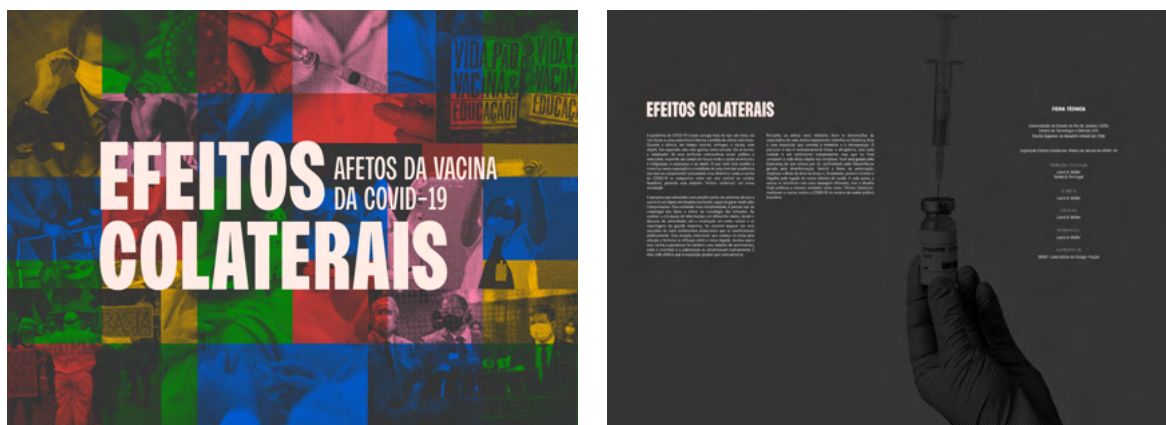
Painel de Entrada

O Painel de Entrada marca o ponto de partida do circuito fechado e é o único módulo, juntamente com o Módulo Raiva, construído em drywall, diferenciando-se dos demais para conferir maior destaque e solidez à abertura da exposição. Sua função é dupla: servir como elemento de atração visual e fornecer a contextualização essencial.

A face frontal do painel exibe o *Key Visual* da exposição, utilizando a complexa linguagem gráfica de cores, tipografia e reticulação para despertar o interesse do visitante e convidá-lo a iniciar a jornada. Esta face cumpre a função de atrativo principal e marco inaugural. Na face posterior, o visitante encontra o texto de contextualização completo sobre a premissa da exposição, que explica sua metodologia de mapeamento de afetos e controvérsias, além da Ficha Técnica detalhada do

projeto. Desta forma, o painel assume a responsabilidade de ser tanto o portal de entrada quanto o ponto de resumo e conclusão formal da exposição.

Figura 61 e 62- Face frontal e posterior do painel de entrada.



Fonte: Imagens autorais

Módulo A Pandemia

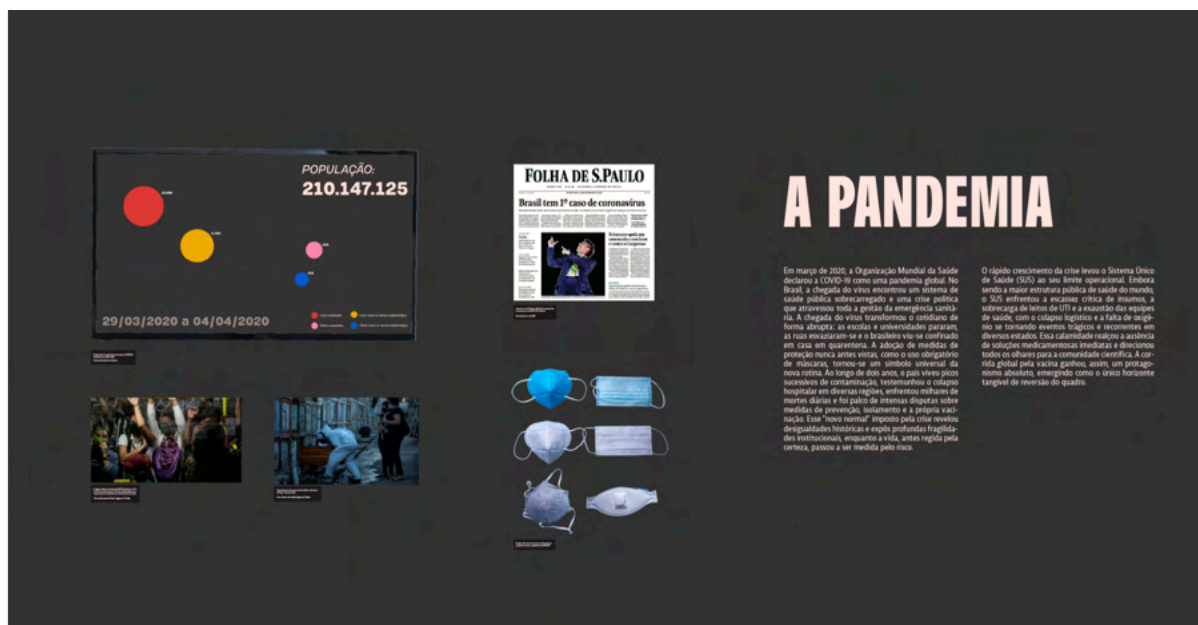
O primeiro módulo cumpre a função crucial de ambientar o visitante no período inicial e mais crítico da crise sanitária, estabelecendo o cenário para a jornada emocional que será percorrida.

Conforme a paleta cromática do projeto, este painel utiliza o cinza, que confere o tom sóbrio e informativo ideal para a introdução. O conteúdo e texto curatorial são focados em apresentar a realidade do "novo normal" e as mudanças drásticas impostas: compõem o painel elementos como as máscaras, que de objetos de proteção se tornaram itens de uso obrigatório, e fotografias que ilustram a urgência e a nova rotina daquele momento. É disposto também, funcionando como uma espécie de âncora histórica, uma manchete de jornal que noticia o primeiro caso de COVID-19 no Brasil. Para trazer certo dinamismo e traduzir a dimensão da crise de forma imediata e impactante, foi incorporada uma visualização de dados animada em uma televisão de 43 polegadas. Esta tela exibe o crescimento exponencial dos casos no país desde o início da pandemia, utilizando dados fornecidos pelo Ministério da Saúde (2025), e seu movimento contínuo busca trazer vida e urgência ao painel.

Figura 63- Conteúdos selecionados para o módulo A Pandemia



Figura 64- Painel do módulo A Pandemia



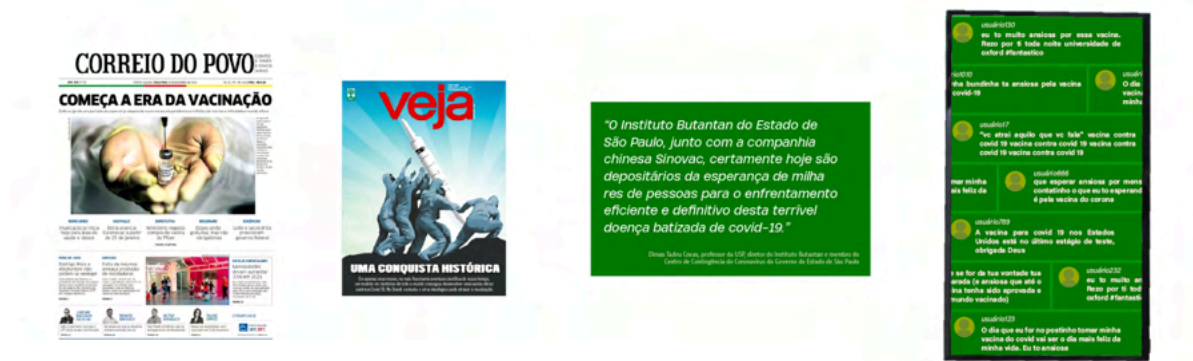
Fonte: Imagem autoral

Módulo Esperança

O módulo Esperança utiliza o verde esperança da paleta cromática para traduzir, de forma visual e narrativa, o sentimento que emergiu no início do desenvolvimento e chegada das vacinas. O painel concretiza o tópico Vacina como Esperança presente na pesquisa da Parte I do trabalho, documentando o momento em que a ciência se apresentou como a solução para a crise sanitária global. O texto curatorial guia o visitante através dessa percepção, utilizando o conteúdo gráfico para reforçar a narrativa.

O painel é composto por elementos que refletem essa expectativa em diversas esferas. Capa de revista e jornal são dispostos para evidenciar como a mídia de massa celebrou e apontou a vacina nesse sentido. Esta visão institucional é equilibrada por uma animação em uma TV de 43 polegadas que exibe uma coletânea de publicações feitas na Rede Social X (*Twitter*) entre os anos de 2020 e 2021, ilustrando como a própria população manifestava digitalmente esse sentimento de esperança. Para reforçar a perspectiva científica, o módulo inclui uma citação de Dimas Tadeu Covas, diretor do Instituto Butantan, que contribuiu para consolidar a percepção da vacina como um farol para o futuro.

Figura 65- Conteúdos seleccionados para o módulo Esperança



Fonte: Compilado pela autora

A experiência deste módulo é complementada por um elemento interativo que reforça o simbolismo da esperança. A proposta é disponibilizar fitinhas de material sintético na cor verde, similares às tradicionais fitinhas do Senhor do Bonfim. Com a escrita do nome da exposição, estas fitinhas remetem ao ato de fazer um desejo e ter esperança por algo. O visitante é convidado a pegar uma fitinha e levá-la consigo, seja para amarrar no pulso, guardar como lembrança ou presentear, transformando o sentimento abstrato da vacina em um artefato palpável e pessoal de memória afetiva.

Figura 65- Fitas do Senhor do Bonfim e simulação das fitas verdes para o painel



Fonte: Compilado pela autora

Figura 66- Painel do módulo Esperança



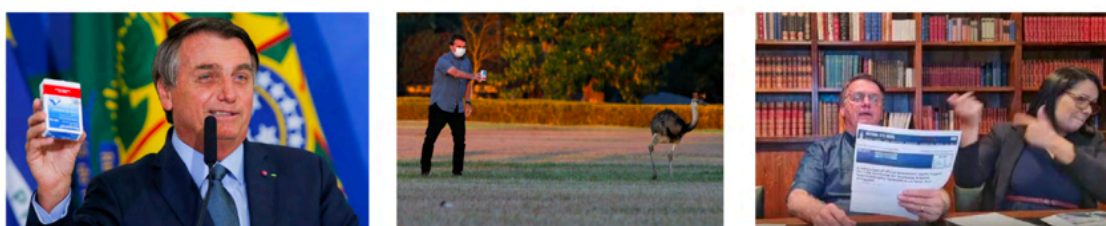
Fonte: Imagem autoral

Módulo Desconfiança

O módulo Desconfiança utiliza a cor amarelo desconfiança da paleta cromática para traduzir o sentimento que emergiu da incerteza sanitária e, principalmente, da crise política que transformou o imunizante em alvo de ceticismo. A narrativa central é aprofundada pelo texto curatorial corrido do painel, que discute como a desconfiança institucional foi ativamente semeada no debate público.

O conteúdo visual é escolhido para ilustrar essa retórica. O painel exibe três imagens que registram aparições do então Presidente da República nas quais ele manifesta publicamente ceticismo, fazendo pouco caso ou disseminando *fake news* sobre a vacina. Essa postura governamental é encapsulada na reprodução ampliada da famosa declaração sobre o risco de "virar um jacaré", frase que, acompanhada por uma imagem reticulada de um jacaré, serve como símbolo do esforço em desqualificar o imunizante e semear a dúvida sobre a segurança científica.

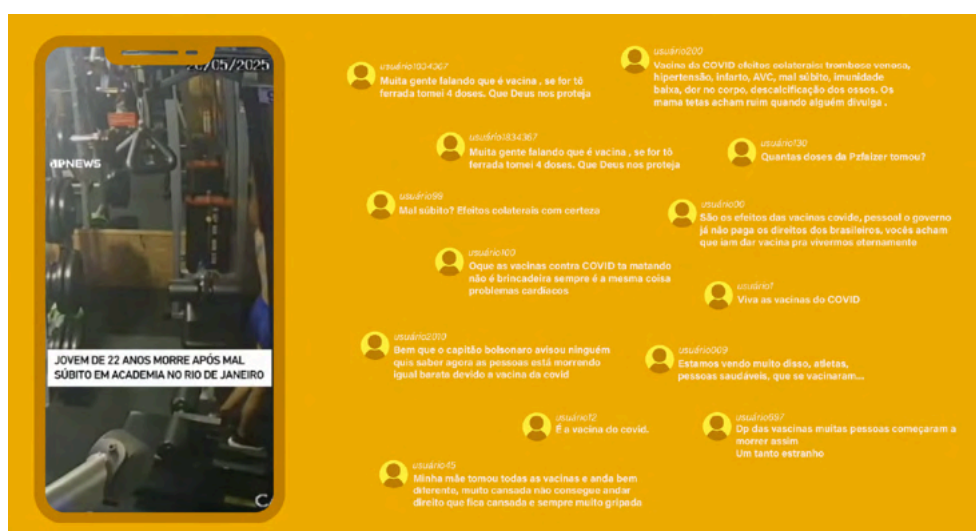
Figura 67- Conteúdos selecionados para o módulo Desconfiança



Fonte: Compilado pela autora

Essa estratégia de desgaste da confiança abriu espaço para a promoção de narrativas alternativas e a disseminação de informações falsas, aprofundando a polarização. O painel exibe a exploração desse medo através de uma simulação de postagem em rede social, onde o caso trágico de uma jovem que faleceu por mal súbito é cercado por uma enxurrada de comentários que atribuem a causa à vacina. Esse artefato visual demonstra como a desconfiança popular foi explorada e amplificada para minar a saúde pública.

Figura 68- Composição desenvolvida para o módulo Desconfiança



Fonte: Imagem autoral

A interatividade neste módulo reflete diretamente o embate político que permeou a questão da vacina. A proposta é oferecer um vídeo game interativo de luta, que utiliza a disputa entre Bolsonaro e Dória como metáfora para o conflito ideológico que desviava o foco da única solução cientificamente válida. O jogo transforma a tensão política em uma experiência lúdica e crítica, convidando o visitante a interagir com a polarização que marcou o período da pandemia.

Figura 69- Simulação do Videogame para módulo Desconfiança



Fonte: Imagem autoral

Figura 70- Painel do módulo Desconfiança



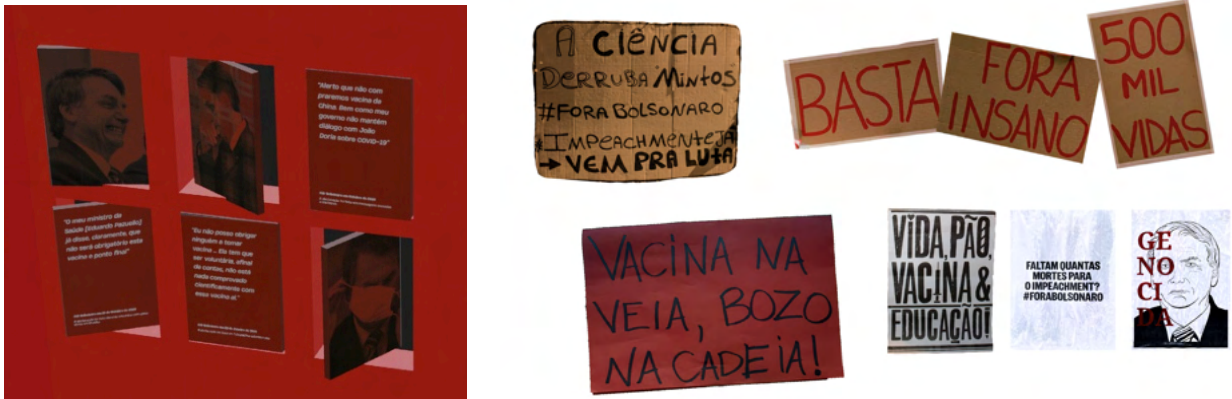
Fonte: Imagem autoral

Módulo Raiva

O módulo Raiva utiliza a cor vermelho raiva da paleta cromática e alinhando-se ao sentimento polarizador da pandemia que transformou a vacina em objeto de disputa política. Conforme indicado no texto curatorial (disponível na parte III, "Resultado") do painel, a raiva se manifestou em duas frentes: a indignação popular (luto, falta de leitos) e a fúria do executivo federal contra ciência e o SUS. Sendo um ambiente fechado construído em drywall, ele atua como ponto focal do circuito, exigindo uma pausa na linearidade da visitação.

As três paredes externas do módulo exibem conteúdos. Uma das paredes apresenta o texto curatorial e, ao lado, uma série de "janelinhas" giratórias. De um lado, estas janelas mostram imagens do ex-presidente da República e, do outro, exhibe falas dele que demonstravam raiva e ceticismo em relação à vacina, representando visualmente a disputa de narrativas. Em outra parede, a manifestação da raiva popular é explorada através da exposição de cartazes e *lambe-lambes* que estiveram presentes nas manifestações de rua da época, materializando a indignação popular por ciência e dignidade.

Figura 71 e 72- Elementos que compõem o módulo Raiva



Fonte: Imagens autorais

A terceira parede externa tem a função de sintetizar a essência da disputa e incentivar a interação. Ela apresenta uma reprodução de uma bandeira vista em manifestações acompanhada de uma grande imagem reticulada do ex-presidente. Esta composição visual é concebida como um cenário estético que convida o visitante a tirar uma foto, capturando a essência do conflito ideológico que permeou o debate sobre a imunização.

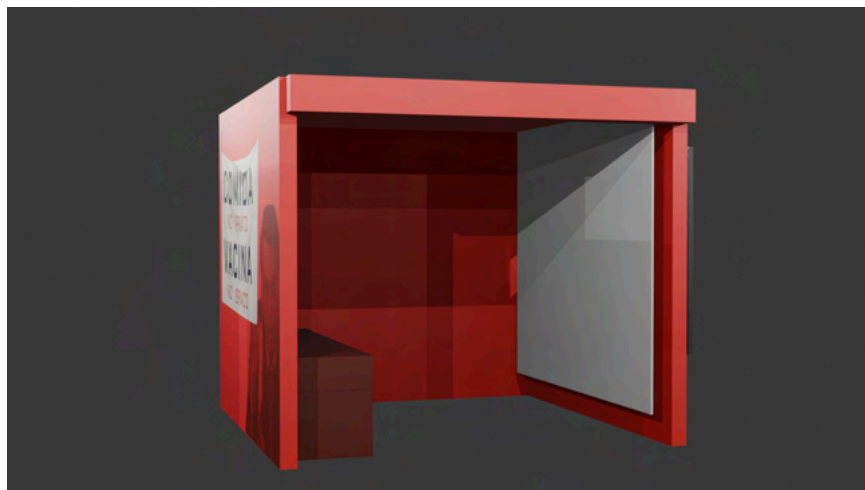
Figura 73- Reprodução de bandeira para o módulo Raiva



Fonte: Imagem autoral

O interior do Módulo Raiva é o ponto de maior imersão sensorial. O espaço foi projetado com um banco para que o visitante possa se sentar e vivenciar uma experiência que busca causar comoção. Nesse ambiente interno, o espectador é exposto a uma projeção contínua de imagens de manifestações ocorridas no Brasil em 2021, enquanto ouve em áudio as falas do então presidente da República sobre o imunizante. O objetivo é criar uma experiência multisensorial que transmita a tensão e a intensidade do conflito que transformou a urgência sanitária em uma ferramenta de disputa política.

Figura 74- Ambiente interno do módulo Raiva



Fonte: Imagem autoral

Figura 75- Painéis do módulo Raiva



Fonte: Imagem autoral

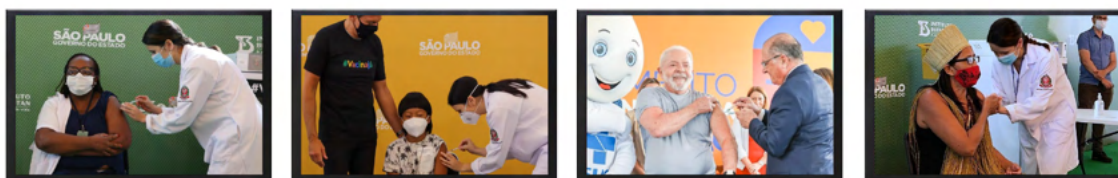
Módulo Alívio

O módulo Alívio é codificado pelo rosa alívio da paleta cromática, traduzindo a sensação de libertação e de certeza na retomada do controle que se instalou com a chegada das primeiras doses da vacina ao Brasil. O texto curatorial estabelece o tom, descrevendo como a vacinação, antes um procedimento de rotina, transformou-se em um ritual coletivo de celebração e a concretização da promessa científica.

Para ilustrar este marco histórico e emocional, o painel utiliza quatro pequenos monitores dispostos lado a lado, que exibem momentos cruciais da campanha de imunização. Este recurso múltiplo destaca a diversidade e o significado político-social da vacina, exibindo a vacinação da enfermeira Mônica Calazans (a primeira pessoa vacinada no Brasil), de Davi Seremamiwe Xavante (a primeira

criança indígena vacinada), a Vanuza Kaimbé (a primeira pessoa indígena vacinada) e o momento simbólico de Lula sendo vacinado por Alckmin no lançamento da campanha. Juntos, estes vídeos representam a vitória da ciência abrangendo diferentes grupos sociais e políticos.

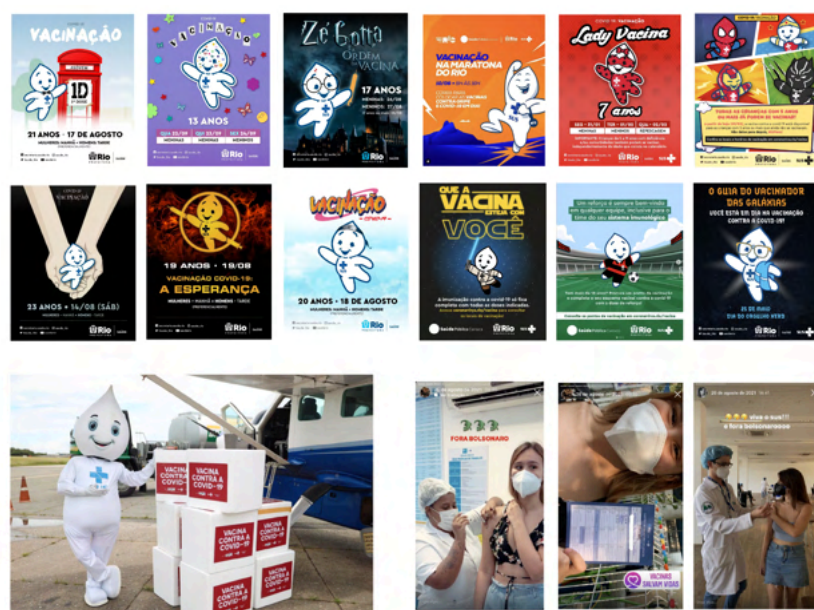
Figura 76- Telas que compõem o painel Alívio



Fonte: Compilado pela autora

O módulo complementa essa narrativa histórica com evidências da adesão popular e da comunicação estratégica. Fotografias postadas nas redes sociais capturam a alegria e a importância de se estar vivendo aquele momento e a participação de ícones como o Zé Gotinha durante a entrega das doses no Maranhão, ilustrando a confiança massiva da população na imunização. Para demonstrar a modernização da comunicação em saúde pública, o painel exibe ainda uma série de postagens da Secretaria da Saúde do Rio de Janeiro, que utilizaram uma linguagem visual forte e direcionada à Geração Z, validando a eficácia da comunicação de saúde em novas plataformas sociais.

Figura 77- Imagens que compõem o painel Alívio



Fonte: Compilado pela autora

Figura 78- Painel do módulo Alívio



Fonte: Imagem autoral

Módulo Orgulho

O módulo Orgulho é codificado pelo azul orgulho da paleta cromática, o tom escolhido para celebrar o esforço massivo de imunização e o triunfo da infraestrutura pública nacional. O texto curatorial estabelece que o sentimento é o reconhecimento de que, apesar de todos os desafios, a solidez do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Programa Nacional de Imunizações (PNI) garantiu uma campanha ágil e abrangente.

O conteúdo visual e documental do painel celebra o ponto culminante dessa vitória: o marco oficial do fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), declarado em abril de 2022. Imagens fotográficas desse momento são exibidas, capturando o simbolismo da declaração ao mostrar o Zé Gotinha ao lado do Ministro da Saúde durante a assinatura do documento. Essa imagem não só registra o feito histórico, mas também faz uma sutil relação com o encerramento do circuito expositivo, sinalizando ao visitante que o fim da emergência reflete o fim da jornada pela exposição.

A personificação dessa tradição de excelência em saúde pública é o foco principal do módulo, sendo materializada pela figura do Zé Gotinha. O painel exhibe cartazes históricos do personagem, que evocam uma nostalgia positiva e um senso de pertencimento a um projeto nacional de proteção. O

ponto central do módulo é o artefato: a fantasia original (ou uma reprodução fiel) do Zé Gotinha, utilizada em eventos oficiais, disposta em um manequim sobre um pedestal. Este objeto não é apenas um adereço, mas sim um poderoso símbolo da confiança na vacinação e o ícone do legado inabalável da ciência brasileira e da saúde coletiva.

Figura 79- Conteúdos selecionados para o módulo Orgulho



Fonte: Compilado pela autora

Figura 80- Painel do módulo Orgulho



Fonte: Imagem autoral

Módulo de encerramento

O último módulo do circuito é dedicado à interatividade e à coleta afetiva, não possuindo conteúdo curatorial rígido, mas sim uma superfície para a expressão do visitante. Sua função é transpor o

debate da exposição para a experiência pessoal, permitindo que o público participe ativamente da narrativa.

O visitante é instigado pela pergunta: "O que a vacina te fez sentir?". A proposta é disponibilizar uma grande quantidade de *post-its* e canetas. O visitante é convidado a escrever sua palavra, frase ou sentimento, seja ele de alívio, raiva, orgulho, ou desconfiança, e colá-lo na superfície do painel.

O resultado dessa interação é a formação de uma nuvem de palavras orgânica e visual, que cresce e muda com o fluxo da visitação. Essa nuvem não apenas registra a diversidade das reações emocionais pós-vacina, como também oferece um fechamento colaborativo à exposição. Ao visualizar a multidão de sentimentos alheios, o visitante encerra o ciclo percebendo que sua experiência individual faz parte de um complexo cenário de afetos coletivos, reforçando a natureza controversa e multifacetada da vacina.

Figura 81- Painel do módulo de encerramento



Fonte: Imagem autoral

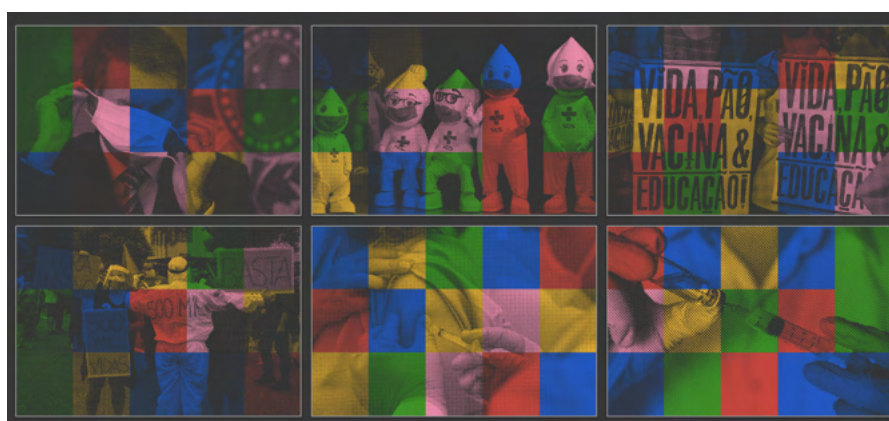
7. Elementos complementares

Para além dos painéis expositivos principais, o projeto incorpora elementos complementares. Estes recursos foram desenvolvidos para garantir a coerência estética, otimizar a flexibilidade espacial da

estrutura modular e aprofundar a imersão visual do visitante. Tais elementos, que se manifestam nas lonas traseiras e nas bandeiras modulares, asseguram que o sistema de identidade visual permeie todo o aparato físico, sustentando a narrativa de ponta a ponta.

As lonas (330 cm x 220 cm), que cobrem a parte de trás das estruturas de metalon (Seção 4.2), cumprem a função estrutural de ocultar os elementos técnicos e equipamentos. Graficamente, elas são um desdobramento fiel do Key Visual (KV), mantendo o padrão de múltiplos blocos de cores e as imagens reticuladas em formato ampliado. Essa escolha intencional assegura que o verso da exposição, visualmente vibrante, remeta à totalidade e à complexidade dos afetos abordados no projeto, reforçando a natureza intrinsecamente colorida da controvérsia, em vez de se restringir à cor monocromática do painel frontal.

Figura 82- Artes desenvolvidas para lonas da estrutura



Fonte: Imagem autoral

As bandeiras (60 cm x 200 cm) são instaladas em estruturas independentes e foram concebidas como um recurso de flexibilização espacial, permitindo que o circuito possa ser ajustado a diferentes espaços e atuando como delimitadores visuais. Para maximizar sua eficácia, as bandeiras possuem estampa em ambos os lados (interno e externo), garantindo que o visitante receba a informação visual de qualquer ponto.

Figura 83- Artes desenvolvidas para bandeiras



Fonte: Imagem autoral

8. Peças de divulgação

A coerência do projeto se estende para além do espaço expositivo, culminando em uma estratégia de comunicação que garante a atração do público e a ampliação do alcance da narrativa. O desenvolvimento das peças de divulgação e merchandising é uma etapa essencial para que a exposição se insira nos circuitos urbano e digital, utilizando a identidade visual criada como principal ativo para reconhecimento imediato.

Para a captura de público e inserção da exposição no cenário cultural da cidade, a comunicação externa utiliza peças de grande formato que exploram o alto impacto gráfico da identidade visual. A criação de Cartazes, Banners e Outdoors é fundamental para garantir a visibilidade em pontos estratégicos. O design dessas peças é pautado pelo contraste e pela tipografia forte (Monument Condensed), replicando o sistema de cores e retículas do *Key Visual* para estabelecer o tema e o tom da exposição de forma instantânea.

Figura 84- Proposta de banner de divulgação da exposição



Fonte: Imagem autoral

Complementarmente, um flyer desenvolvido para ser entregue aos visitantes na entrada ou no decorrer da exposição. Diferente das peças externas, o flyer possui a função de fornecer informações detalhadas sobre a curadoria e os módulos, atuando também como um material de consulta e memória afetiva que o visitante pode levar para casa.

Figura 85- Proposta de folder da exposição



Fonte: Imagem autoral

Já a criação de uma linha de merchandising é importante para transformar a experiência em artefatos tangíveis. Inspirada conceitualmente em lojas de museus como o MASP (2025), a proposta é desenvolver produtos que utilizem estampas de alta qualidade baseadas nos elementos gráficos, nas cores e nas frases-chave da exposição. O objetivo é que esses produtos atuem como extensões da Identidade Visual, gerando receita para o projeto e permitindo que o público carregue consigo uma lembrança duradoura da experiência.

Figura 86- Proposta de produtos (caneca, ecobag e botton)



Fonte: Compilado pela autora

9. Possibilidades de implementação

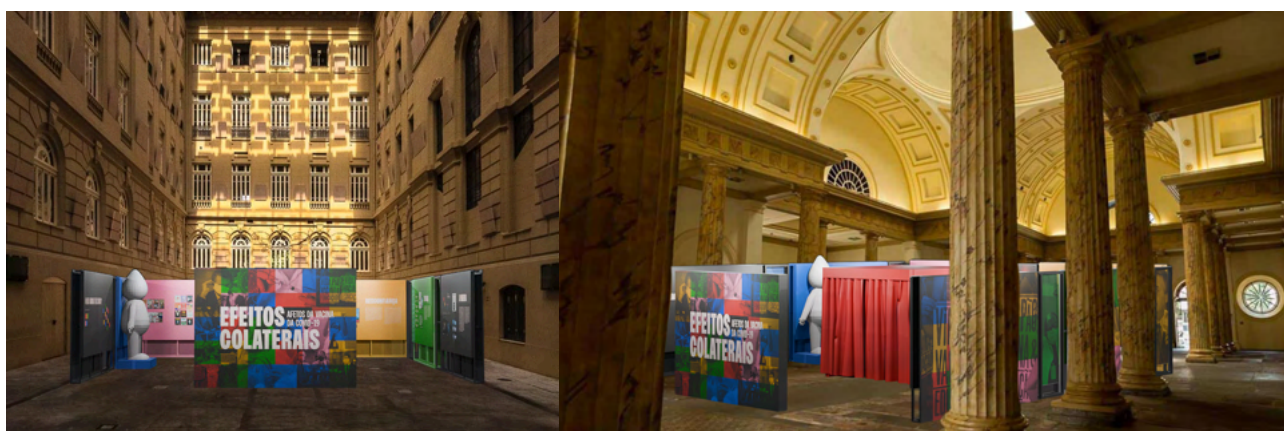
A concepção da exposição "Efeitos Colaterais" foi norteada pela premissa da itinerância, visando alcançar diversos públicos e regiões. Devido à sua estrutura modular autoportante (metalon e MDF), o projeto pode ser implementado em espaços não convencionais e áreas internas amplas, sem depender de paredes fixas ou grandes reformas. A viabilidade da montagem e o caráter cultural da temática trouxeram a ideia de dois locais para uma possível execução da exposição.

A concepção da exposição "Efeitos Colaterais" foi intencionalmente norteada pela premissa da itinerância, visando alcançar diversos públicos e regiões. Devido à sua estrutura modular autoportante (metalon e MDF), o projeto possui grande flexibilidade de montagem, podendo ser implementado em espaços culturais com configurações arquitetônicas variadas, sem depender de paredes fixas ou grandes reformas. Em instituições culturais maiores, a exposição pode ser disposta como um elemento central que ocupa o espaço, deixando a arquitetura ao redor como um pano de fundo; já em espaços menores, o circuito modular pode preencher e transformar todo o ambiente disponível, desde que respeitadas as dimensões mínimas necessárias para o fluxo e a acessibilidade. A viabilidade técnica dessa montagem versátil, somada ao caráter cultural e social da temática, trouxe a ideia de dois locais para uma possível execução da exposição.

A Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, exemplifica uma possibilidade de montagem estratégica. Seu espaço interno é amplo, sem paredes internas que limitam o fluxo. Esta característica permitiria que a exposição fosse instalada no centro do salão, utilizando o circuito fechado de painéis como um elemento escultórico e funcional que direciona o fluxo do público de maneira orgânica. A natureza da Casa, como um centro de cultura e debate, se encaixa perfeitamente com o tema controverso e social da exposição.

Outro lugar interessante para a montagem da exposição seria o Centro Cultural Banco do Brasil em Belo Horizonte (CCBB BH), que oferece mais uma possibilidade de montagem. O local possui um pátio interno que se apresenta como um ambiente ideal para a instalação da exposição. O pátio permitiria que a estrutura modular fosse montada sob iluminação natural ou ambiente, aproveitando a arquitetura existente sem que o circuito necessite de grandes adaptações. A localização em um centro cultural de grande fluxo valida a exposição como um projeto de interesse público e alta visibilidade.

Figura 87- Simulação da exposição no CCBB BH e na Casa França-Brasil



Fonte: Imagens autorais

10. Considerações finais

Nesta parte, foi realizada a tradução do conceito da pesquisa sobre a vacina durante a pandemia em uma proposta expográfica completa. O foco do processo foi criar um projeto de *design* capaz de sustentar a narrativa complexa e a logística de uma exposição itinerante.

A estrutura foi estabelecida a partir de um sistema modular. Essa decisão técnica garantiu a adaptabilidade necessária para a montagem em diferentes espaços culturais e a viabilidade do projeto. A identidade visual utilizou a paleta de cores de alta saturação para criar um código afetivo que orienta o fluxo do público. O *design* gráfico foi reforçado pela reticulação (*halftone*) e pelas escolhas tipográficas, que transportaram o conceito de multifacetamento da controvérsia para a visualidade de toda a exposição. O desenvolvimento dos módulos descreveu as soluções de conteúdo documental e os interativos específicos criados para cada etapa emocional, finalizando com um painel participativo que encerra o ciclo narrativo.

Esta parte do trabalho finaliza com a descrição de um projeto expográfico detalhado, que integrou a pesquisa conceitual à solução técnica. Contudo, é fundamental reconhecer que a plena implementação do projeto demandará alguns desenvolvimentos específicos, tais como a produção final dos interativos, a visualização de dados (Painel Pandemia), o projeto executivo da fita verde (Painel Esperança), a programação do videogame (Painel Desconfiança) e a produção da projeção com áudio (Módulo Raiva). Paralelamente, a execução exigirá um planejamento dedicado ao desenvolvimento de recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência e, fundamentalmente, à captação de verba necessária para a produção e montagem por meio da inscrição em editais culturais. Na Parte III, que segue, serão apresentados os resultados e as visualizações finais desse processo de desenvolvimento.

PARTE III: RESULTADOS

1. Módulos

Esta seção materializa o desenvolvimento conceitual e estrutural (detalhado na Parte II) por meio da apresentação de imagens feitas com o programa Blender, de modelagem 3d. As imagens a seguir mostram os painéis montados em suas respectivas estruturas modulares, com a aplicação final dos elementos.

As estruturas devem ser montadas com metalon de aço carbono 50mmX50mm e os painéis devem ser pintados de acordo com a cor de seu respectivo módulo para receber a aplicação dos materiais. O conteúdo textual, incluindo o corpo do texto curatorial, os títulos e as legendas, é aplicado diretamente nos painéis por meio de vinil adesivo. Este material foi escolhido por sua alta durabilidade, excelente aderência ao MDF, e por permitir a aplicação das cores exatas da identidade visual com alta precisão e acabamento profissional. Os conteúdos (fotografias e artefatos visuais) são dispostos e fixados nos painéis.



A seguir, a apresentação visual de cada módulo é complementada por uma planilha técnica. Esta planilha funciona como um guia de produção detalhado, catalogando cada material utilizado, suas medidas finais, a fonte do material e as legendas correspondentes, garantindo o rigor necessário para a execução e montagem da exposição.

I. PAINEL DE ENTRADA

Figura 88- Modelo 3D do painel de entrada



Tabela 1- Detalhamento dos conteúdos do painel de entrada

Conteúdo	Descrição	Dimensões	Material e aplicação	Legenda e crédito
	Imagem da face frontal do painel de entrada	300cmx220cm	Adesivo vinil fosco, deve ser aplicado na totalidade do painel	Imagem autoral
	Imagem da face posterior do painel de entrada	300cmx220	Adesivo vinil fosco, deve ser aplicado na totalidade do painel	Imagem autoral

Texto do Módulo

A pandemia de COVID-19 trouxe consigo mais do que um vírus; ela nos forçou a uma experiência intensa e inédita de afetos coletivos. Quando a ciência em tempo recorde, entregou a vacina este objeto, tão esperado, não veio apenas como solução. Ele se tornou o catalisador de uma profunda controvérsia social, política e emocional, expondo um campo de forças onde a saúde se misturou à indignação, à esperança e ao medo. O que você está prestes a vivenciar nessa exposição é o resultado de uma imersão acadêmica que buscou compreender justamente essa dinâmica: como a vacina da COVID-19 se comportou como um ator central no cenário brasileiro, gerando seus próprios "efeitos colaterais" em nossa sociedade.

A pesquisa que antecedeu esse projeto partiu da premissa de que a vacina é um objeto em disputa constante, capaz de gerar múltiplas interpretações. Para entender essa complexidade, é preciso sair da cronologia dos fatos e entrar na cronologia das emoções. Ao analisar a circulação de informações em diferentes meios, desde o discurso de autoridades até a viralização em redes sociais e as reportagens da grande imprensa, foi possível mapear um arco narrativo de cinco sentimentos dominantes que se manifestaram publicamente. Essa jornada emocional, que começa na ânsia pela solução e termina na reflexão sobre o nosso legado, revelou que a luta contra a pandemia foi também uma batalha de sentimentos onde a incerteza e a polarização se alimentavam mutuamente. É esta rede afetiva que a exposição propõe que você percorra.

Portanto, ao entrar, você, visitante, deve se desvencilhar da expectativa de uma mostra meramente científica ou histórica. Esta é uma exposição que convida à memória e à introspecção. O percurso

não é necessariamente linear e obrigatório, pois cada módulo é um sentimento independente, mas que no final compõem a rede desse objeto tão complexa. Você será guiado pela Esperança do que estava por vir, confrontado pela Desconfiança gerada pela desinformação. Sentirá a Raiva da polarização, respirará o Alívio da dose no braço e, finalmente, poderá revisitar o Orgulho pelo legado do nosso sistema de saúde. A cada passo, a vacina se manifesta com uma roupagem diferente, mas o desafio final continua o mesmo: entender como esses "Efeitos Colaterais" moldaram a vacina contra a COVID-19 no cenário da saúde pública brasileira.

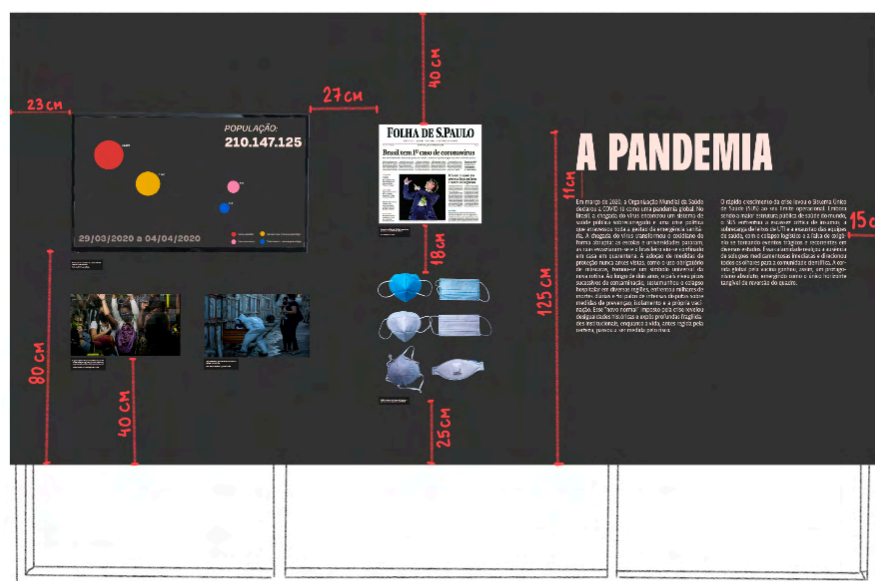
II. MÓDULO A PANDEMIA

Figura 89- Modelo 3D do módulo A Pandemia








Fonte: Imagem autoral


Figura 90- Referência para montagem do módulo A pandemia



Fonte: Imagem autoral

Tabela 2- Detalhamento dos conteúdos do módulo A Pandemia

Conteúdo	Descrição	Dimensões	Aplicação	Legenda e crédito
	Texto curatorial do módulo.	100cmx76cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada.	Não se aplica.
	Televisão com visualização de dados sobre a pandemia	Televisão de 93" 94cmx53cm	Televisão de 43" fixa no painel na área indicada	Visualização do crescimento de casos de COVID-19 no Brasil entre 2020 e 2021. Dados do Ministério da Saúde
	Imagem de aglomeração dentro de ônibus durante a pandemia	42cmx24cm	Impressa em papel fotográfico aplicada na área indicada	Aglomerado na estação do BRT Mato Alto, no Rio de Janeiro, que escancarou a falta de fiscalização para o cumprimento de medidas de distanciamento social. Foto de Hermes de Paula / Agência O Globo
	Capa de jornal com manchete que anuncia primeiro caso de COVID-19 no Brasil	38,5cmx37cm	Exemplar físico fixo no local indicado	Capa do Jornal Folha de São Paulo anunciando primeiro caso de COVID-19 no Brasil 24 de fevereiro de 2020
	Imagem de sepultamento durante a pandemia	40cmx24cm	Impressa em papel fotográfico aplicada na área indicada	Sepultamento de casos de COVID-19 no Cemitério do Caju, Centro do Rio Foto de Brenno Carvalho / Agência O Globo

	Máscaras de proteção	Área total para as seis máscaras: 45cmx45cm	Artefato físico fixo no local indicado	Modelos diversos de máscaras utilizadas para proteção durante a pandemia de COVID-19
---	----------------------	---	--	--

Texto do Módulo

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a COVID-19 como uma pandemia global. No Brasil, a chegada do vírus encontrou um sistema de saúde pública sobrecarregado e uma crise política que atravessou toda a gestão da emergência sanitária. A chegada do vírus transformou o cotidiano de forma abrupta: as escolas e universidades pararam, as ruas esvaziaram-se e o brasileiro viu-se confinado em casa em quarentena. A adoção de medidas de proteção nunca antes vistas, como o uso obrigatório de máscaras, tornou-se um símbolo universal da nova rotina. Ao longo de dois anos, o país viveu picos sucessivos de contaminação, testemunhou o colapso hospitalar em diversas regiões, enfrentou milhares de mortes diárias e foi palco de intensas disputas sobre medidas de prevenção, isolamento e a própria vacinação. Esse "novo normal" imposto pela crise revelou desigualdades históricas e expôs profundas fragilidades institucionais, enquanto a vida, antes regida pela certeza, passou a ser medida pelo risco.

O rápido crescimento da crise levou o Sistema Único de Saúde (SUS) ao seu limite operacional. Embora sendo a maior estrutura pública de saúde do mundo, o SUS enfrentou a escassez crítica de insumos, a sobrecarga de leitos de UTI e a exaustão das equipes de saúde, com o colapso logístico e a falta de oxigênio se tornando eventos trágicos e recorrentes em diversos estados. Essa calamidade realçou a ausência de soluções medicamentosas imediatas e direcionou todos os olhares para a comunidade científica. A corrida global pela vacina ganhou, assim, um protagonismo absoluto, emergindo como o único horizonte tangível de reversão do quadro.

III. MÓDULO ESPERANÇA

Figura 90- Modelo 3D do módulo Esperança



Fonte: Imagem autoral




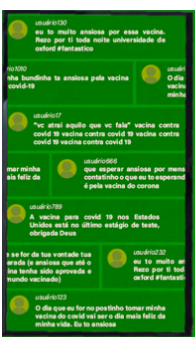
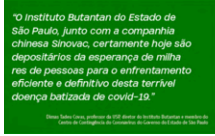
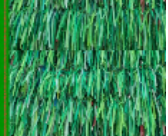
Figura 91- Referência para montagem do módulo Esperança



Fonte: Imagem autoral

Tabela 3-Detalhamento dos conteúdos do módulo Esperança

Conteúdo	Descrição	Dimensões	Aplicação	Crédito
----------	-----------	-----------	-----------	---------

	Texto curatorial do módulo	100cmx66cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada	Não se aplica.
	Capa do Jornal Correio do Povo	31cmx41cm	Exemplar físico fixo no local indicado	Capa do Jornal Correio do Povo 8 de dezembro de 2020
	Capa da revista VEJA	22cmx29cm	Capa do exemplar físico fixo no local indicado	Capa da Revista VEJA 16 de dezembro de 2020
	Televisão passando animação de postagens da rede social X	Televisão de 43” 94cmx53cm	Televisão de 43” fixa no painel na área indicada	Postagens feitas na rede social X que mencionam a vacina contra o Coronavírus entre 2020 e 2021
	Citação de Dimas Tadeu Covas	60cmx37cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada	Não se aplica
	Fitinhas verdes de material sintético com escrita	Área total de aplicação das fitinhas: 45cmx170cm	Fitas presas pela ponta na área indicada, possibilitando fácil retirada	Não se aplica

Texto do Módulo

Em meio ao cenário de incerteza radical imposto pela pandemia, a Esperança emergiu como um sentimento complexo, ancorado na expectativa de uma solução científica. Essa emoção estava diretamente vinculada à capacidade e ao esforço global em desenvolver um imunizante em tempo recorde. Acompanhar a progressão dos testes clínicos, a negociação de insumos e o avanço das pesquisas em laboratórios como Fiocruz e Instituto Butantan tornava-se o principal termômetro para medir a proximidade do fim da crise. Essa expectativa era reforçada pela história consolidada

do Programa Nacional de Imunizações (PNI), sugerindo que, apesar das turbulências políticas, a ciência seria o caminho mais sólido para a superação.

A antecipação da vacina se configurou como um poderoso vetor de sentido em um cotidiano esvaziado pela quarentena. O imunizante, além de um produto farmacêutico, representava a possibilidade de interrupção do ciclo de luto, a chance de restaurar a sociabilidade e a segurança, e a via mais plausível para reverter o estado de risco permanente. Concentrando todo o desejo de retorno à normalidade, a vacina tornou-se o objeto central de uma expectativa pública que atravessava todas as esferas, aparecendo como protagonista nas mídias.

IV. MÓDULO DESCONFIANÇA

Figura 92- Modelo 3D do módulo Desconfiança


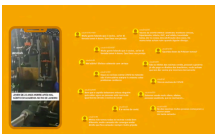



Fonte: Imagem autoral

Figura 93- Referência para montagem do módulo Desconfiança



Tabela 4- Detalhamento dos conteúdos do módulo Desconfiança

Conteúdo	Descrição	Dimensões	Aplicação	Crédito
	Texto curatorial do módulo.	100cmx72cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada.	Não se aplica.
	Jogo que simula luta entre Bolsonaro e Doria	Televisão de 32": 73cmx44cm	Televisão de 32" fixa no local indicado, com suporte para dois controles de videogame	Não se aplica
	Citação de Bolsonaro acompanhada de imagem reticulada de jacaré	84cmx40cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada	Não se aplica
	Celular com vídeo e comentários ao lado	95cmx50cm	Celular em adesivo vinil fosco e comentários em adesivo vinil de recorte na área indicada	Comentários feitos na postagem do Jovem Pan News que noticia o falecimento de Dayane de Jesus, de 22 anos, por mal súbito em academia no Rio de Janeiro. Os comentários relacionam a situação a vacina de COVID-19 22 de maio de 2025
	Imagem de Bolsonaro com cloroquina na mão	29cmx18cm	Impressa em papel fotográfico aplicada na área indicada	Bolsonaro com caixa de cloroquina na mão, 2021 Foto: ADRIANO MACHADO/Reuters
	Imagem de Bolsonaro mostrando cloroquina para uma ema	26cmx18cm	Impressa em papel fotográfico aplicada na área indicada	Presidente Jair Bolsonaro apontando caixa de cloroquina para uma ema no Palácio da Alvorada, 2020 Foto: ADRIANO MACHADO/Reuters

	<p>Imagem de Bolsonaro durante live</p>	<p>29cmx18cm</p>	<p>Impressa em papel fotográfico aplicada na área indicada</p>	<p>Imagem de live semanal, onde Jair Bolsonaro afirmou que pessoas completamente vacinadas contra a COVID-19 teriam risco de infecção pelo HIV, que causa AIDS, 2022</p>
---	---	------------------	--	--

Texto do Módulo

A Desconfiança foi um sentimento que se evidencia na crise política e na incerteza sanitária, sendo ativamente semeada no debate público. A vacina, objeto de desejo de muitos, foi simultaneamente transformada em alvo de ceticismo. A desconfiança institucional era frequentemente manifestada por falas de alto escalão que, como a famosa declaração de que "Se você virar um jacaré, problema seu", feita pelo então Presidente da República sobre a vacina Pfizer sobre possíveis efeitos colaterais, visavam desqualificar o imunizante e semear a dúvida sobre a segurança aos produtos desenvolvidos pela ciência. Essa retórica criava um clima de instabilidade, fazendo com que o cidadão questionasse a própria eficácia e a necessidade da imunização.

Esse desgaste da confiança na vacina abriu espaço para a promoção e a disseminação de uma narrativa alternativa, baseada em medicamentos sem eficácia comprovada, como a cloroquina. A propaganda desses tratamentos, apoiada por figuras políticas e amplificada nas redes sociais, desviava o foco da única solução cientificamente validada, a imunização em massa, e aprofundava a polarização. Além disso, a desconfiança popular foi explorada através de alegações que apelavam ao medo: circularam intensamente informações falsas de que a vacina causaria doenças graves, como males súbitos, problemas cardíacos e até mesmo autismo, embora a comunidade científica jamais tenha validado tais conexões. Tal estratégia, além de ser um reflexo do embate político direto entre o executivo federal e governadores estaduais, representou uma ameaça concreta à saúde pública, ao transformar o debate científico em um campo de batalha ideológico.

V. MÓDULO RAIVA

Figura 94- Modelo 3D do módulo Raiva



Fonte: Imagem autoral

Figura 95- Referência para montagem do módulo Raiva



Fonte: Imagem autoral

Tabela 5- Detalhamento dos conteúdos do módulo Raiva




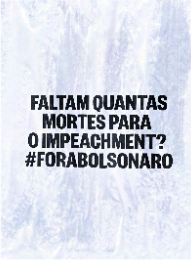
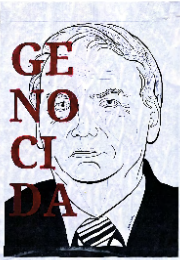


Conteúdo	Descrição	Dimensões	Aplicação	Crédito
	Texto curatorial do módulo.	100cmx66cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada	Não se aplica.
	Imagem do Bolsonaro reticulada com citação do mesmo	25cmx35cm	Adesivo vinil fosco aplicado em placa de MDF, fixo com eixo de rotação	Não se aplica

	Imagem do Bolsonaro reticulada com citação do mesmo	25cmx35cm	Adesivo vinil fosco aplicado em placa de MDF, fixo com eixo de rotação	Não se aplica
	Imagem do Bolsonaro reticulada com citação do mesmo	25cmx35cm	Adesivo vinil fosco aplicado em placa de MDF, fixo com eixo de rotação	Não se aplica
	Imagem do Bolsonaro reticulada com citação do mesmo	25cmx35cm	Adesivo vinil fosco aplicado em placa de MDF, fixo com eixo de rotação	Não se aplica
	Imagem do Bolsonaro reticulada com citação do mesmo	25cmx35cm	Adesivo vinil fosco aplicado em placa de MDF, fixo com eixo de rotação	Não se aplica
	Imagem do Bolsonaro reticulada com citação do mesmo	25cmx35cm	Adesivo vinil fosco aplicado em placa de MDF, fixo com eixo de rotação	Não se aplica
	Cartaz em papelão de manifestação	62cmx50cm	Artefato físico ou réplica fixo no local indicado	Cartazes vistos nas manifestações contra o governo e a favor da vacina 2021
	Cartaz em cartolina vermelha de manifestação	78cmx52cm	Artefato físico ou réplica fixo no local indicado	<i>Compartilha mesma legenda do elemento acima</i>
	Conjunto de 3 cartazes feitos de papelão	131cmx57cm	Artefato físico ou réplica fixo no local indicado	<i>Compartilha mesma legenda do elemento acima</i>

	<p>Cartaz sobre a vacina</p>	<p>29,7cmx42cm</p>	<p>Impresso em formato A3 aplicado no local indicado</p>	<p><i>Compartilha mesma legenda do elemento acima</i></p>
	<p>Cartaz sobre impeachment de Bolsonaro</p>	<p>29,7cmx42cm</p>	<p>Impresso em formato A3 aplicado no local indicado</p>	<p><i>Compartilha mesma legenda do elemento acima</i></p>
	<p>Cartaz com ilustração de Bolsonaro escrito genocida</p>	<p>29,7cmx42cm</p>	<p>Impresso em formato A3 aplicado no local indicado</p>	<p><i>Compartilha mesma legenda do elemento acima</i></p>
	<p>Bandeira com temática da manifestação</p>	<p>170x115cm</p>	<p>Bandeira impressa em silk screen, fixa no local indicado</p>	<p>Não se aplica</p>
	<p>Imagem de Bolsonaro reticulada vermelha</p>	<p>130cmx150cm</p>	<p>Em adesivo vinil de recorte na área indicada</p>	<p>Não se aplica</p>

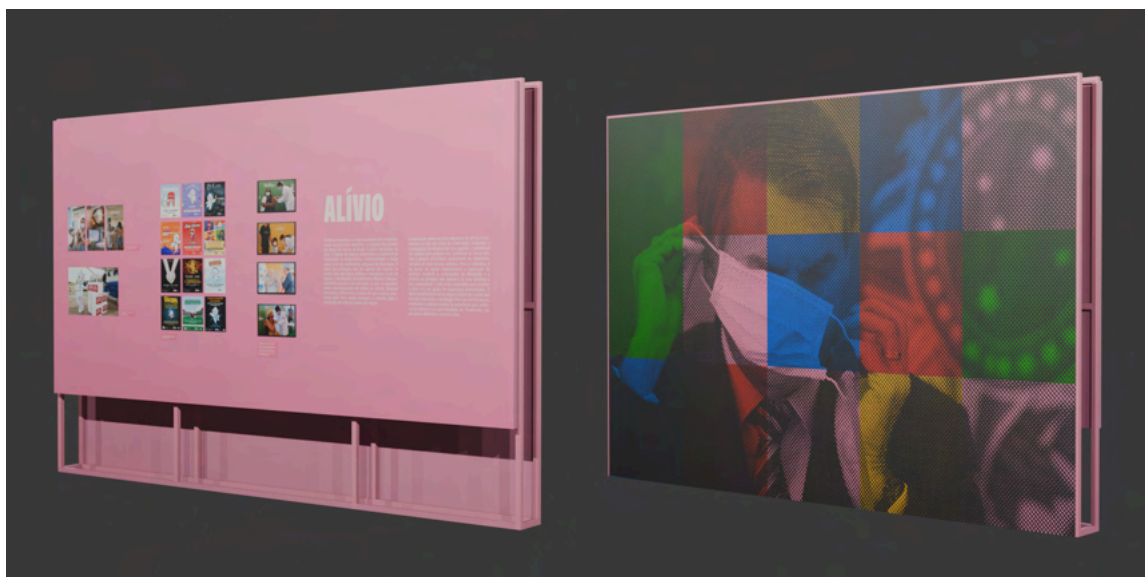
Texto do Módulo

A Raiva emergiu como o sentimento polarizador da pandemia, evidenciando a vacina como um objeto de disputa política extrema. Esse sentimento, no contexto que diz respeito a pandemia e vacinação, tinha alvos muito bem definidos e se manifestava em duas frentes radicalmente opostas. De um lado, fervia a indignação popular, um sentimento justificado pelo luto, pela falta de leitos, descaso governamental e pela intencional disseminação de fake news. Esta raiva se organizou em um grito unificado, exigindo ciência, agilidade e dignidade, sendo a fúria do cidadão que via sua vida e a de seus entes queridos serem colocadas em risco pela irresponsabilidade política. A movimentação social, os protestos e as cobranças por agilidade eram a materialização dessa indignação.

No lado oposto, a raiva se manifestava no discurso e, principalmente, nas ações do executivo federal. Essa fúria era direcionada à própria ciência, ao Sistema Único de Saúde (SUS), à imprensa e a qualquer medida de controle social, mas ela ia além: contaminava a gestão da crise. Essa raiva traduziu-se em recusas explícitas a ofertas de vacina e em uma série de desavenças políticas com governadores de estado que tentavam antecipar a compra dos imunizantes. A vacina além de ser um consenso de saúde pública e se tornou um inimigo a ser combatido pelo poder central. Essa disputa não era sobre fatos, mas sim sobre narrativa e poder, era a expressão máxima do negacionismo, que transformava a urgência sanitária em ferramenta de conflito ideológico.

VI. MÓDULO ALÍVIO

Figura 96- Modelo 3D do módulo Alívio



Fonte: Imagem autoral

Figura 97- Referência para montagem do módulo Alívio



Fonte: Imagem autoral

Tabela 6- Detalhamento dos conteúdos do módulo Alívio

Conteúdo	Descrição	Dimensões	Aplicação	Crédito
	Texto curatorial do módulo.	100cmx67cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada	Não se aplica.
	Vídeo de Monica Calazans sendo vacinada	Monitor LCD 10": 25,2cmx16,5cm	Tela fixada na área indicada	Primeira aplicação da vacina contra a COVID-19 no Brasil, em Monica Calazans, no dia 17 de Janeiro de 2021
	Vídeo de Davi Seremamiwe Xavante sendo vacinado	Monitor LCD 10": 25,2cmx16,5cm	Tela fixada na área indicada	Primeira criança vacinada contra a COVID-19 no Brasil, Davi Seremamiwe Xavante, no dia 14 de Janeiro de 2022

	Vídeo de Lula sendo vacinado por Alckmin	Monitor LCD 10": 25,2cmx16,5cm	Tela fixada na área indicada	Lula é vacinado por Alckmin durante lançamento de campanha de imunização, em fevereiro de 2023
	Vídeo de Vanuza Kaimbé sendo vacinada	Monitor LCD 10": 25,2cmx16,5cm	Tela fixada na área indicada	Primeira indígena a receber a vacina Coronavac, Vanuza Kaimbé, em 26 de janeiro de 2021
	Posts sobre o cronograma de vacinação no Rio de Janeiro	Área total das imagens: 50cmx85cm Imagens: 15cmx19cm	Impresso em adesivo vinil fosco aplicado na área indicada	Divulgação da vacinação contra COVID-19 no perfil do Instagram da Secretaria da Saúde da Cidade do Rio de Janeiro
	Imagens do momento da vacinação em formato de story	Área total das imagens: 48,5cmx27cm Imagens: 15cmx27cm	Impresso em adesivo vinil fosco aplicado na área indicada	Postagens do momento da aplicação da vacina @laurabmuller @marinacasotti, 2021
	Imagem do zé gotinha ao lado das vacinas sendo entregues	43,5cmx29cm	Impressa em papel fotográfico aplicada na área indicada	Zé Gotinha participando da entrega das vacinas contra COVID-19

Texto do Módulo

O Alívio preencheu o cenário nacional com a concretização da promessa científica: a chegada das primeiras doses da vacina ao Brasil. A partir de janeiro de 2021, o objeto de intensa expectativa e controvérsia finalmente se materializou, transformando a longa espera em um sentimento palpável de libertação. O início da vacinação não foi apenas um evento de saúde, mas um marco político e

emocional. O ato de injetar o imunizante na enfermeira Mônica Calazans, a primeira pessoa a ser vacinada no país, se espalhou como uma declaração de vitória da ciência. Naquele momento, o alívio era a certeza de que a nação, paralisada pelo risco, podia enxergar o caminho para a retomada do controle sobre seu futuro.

A vacinação, antes um procedimento de rotina, transformou-se em um ritual de celebração. Enquanto o cronograma de imunização era seguido, a ansiedade de esperar pela própria vez, conforme as faixas etárias e grupos prioritários avançavam no calendário, tornava-se uma tensão coletiva. Para o indivíduo, ir ao posto de saúde representava a superação da ameaça invisível, a reconquista da liberdade e a chance de proteger não apenas a si, mas também a sua comunidade. Cada braço estendido para receber a dose era um gesto de esperança concretizada. O alívio manifestava-se na alegria visível nos rostos por trás das máscaras e nas longas filas que se formavam, revelando a adesão maciça da população que confiava na ciência e na oportunidade de, finalmente, dar um passo definitivo contra a crise.

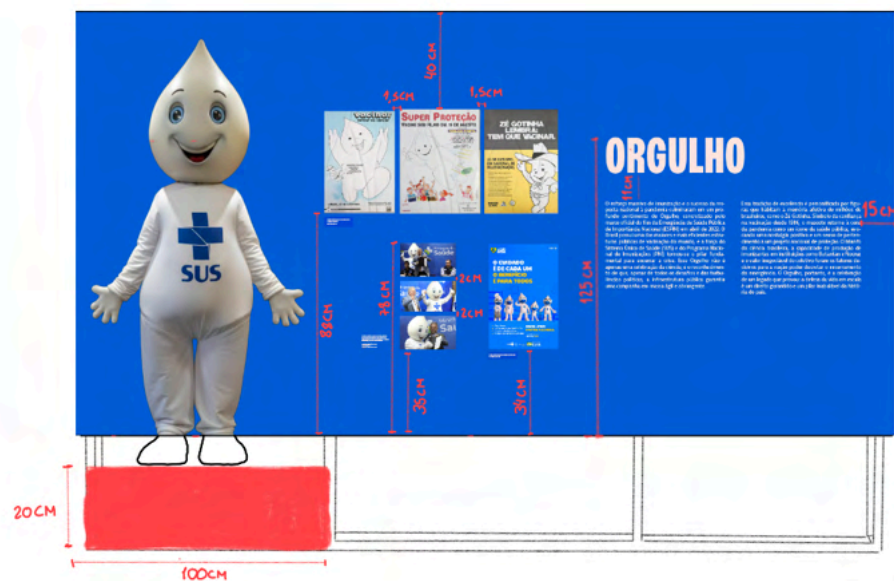
VII. MÓDULO ORGULHO

Figura 98- Modelo 3D do módulo Orgulho



Fonte: Imagem autoral




Figura 99- Referência para montagem do módulo Alívio



Fonte: Imagem autoral

Tabela 7- Detalhamento dos conteúdos do módulo Orgulho

Conteúdo	Descrição	Dimensões	Aplicação	Crédito
	Texto curatorial do módulo	100cmx63cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada	Não se aplica
	Cartaz com família Gotinha	27cmx42cm	Impresso e fixo no local indicado	Cartaz de divulgação da campanha nacional do Coronavírus de 2021

	<p>Imagens do momento de declaração da ESPIN</p>	<p>Área total das imagens: 22,3cmx42,6cm</p> <p>Imagens:22cmx13cm</p>	<p>Impressas em papel fotográfico aplicada na área indicada</p>	<p>Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, assina a portaria de encerramento da emergência de saúde pública de interesse nacional da pandemia da COVID-19, no dia 22 de abril de 2022</p> <p>Fotos de Antonio Cruz/Agência Brasil Myke Sena/MS Antonio Cruz/Agência Brasil</p>
	<p>Cartazes antigos do Zé Gotinha</p>	<p>Área total dos cartazes: 94,7cmx42,3cm</p> <p>Cartazes: 29,7x42cm</p>	<p>Cartazes impressos em tamanho A3 aplicados no local indicado</p>	<p>Cartazes de divulgação de campanhas de vacinação brasileira Instituto Butantan</p>
	<p>Fantasia do Zé Gotinha</p>	<p>Capacete: 72 cm de altura por 46 cm de diâmetro</p> <p>Macação: 170cm de altura</p>	<p>Artefato físico colocado sob pedestal de 20 cm de altura</p>	<p>Não se aplica</p>

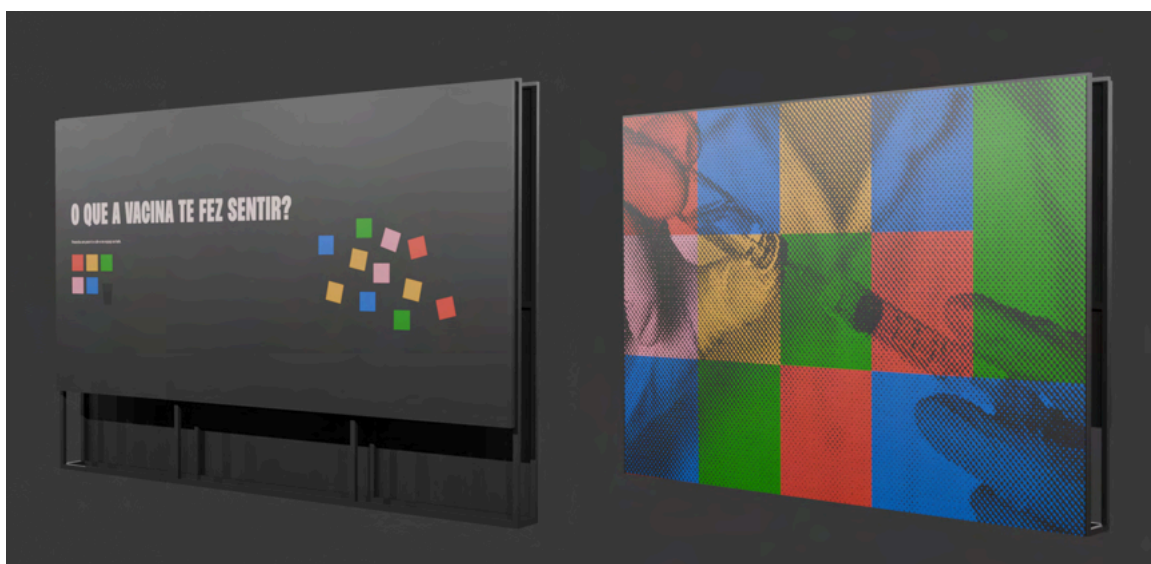
Texto do Módulo

O esforço massivo de imunização e o sucesso da resposta nacional à pandemia culminaram em um profundo sentimento de Orgulho, concretizado no marco oficial do fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em abril de 2022. O Brasil possui uma das maiores e mais eficientes estruturas públicas de vacinação do mundo, e a força do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Programa Nacional de Imunizações (PNI) tornou-se o pilar fundamental para encerrar a crise. Esse Orgulho não é apenas uma celebração da ciência; é o reconhecimento de que, apesar de todos os desafios e das turbulências políticas, a infraestrutura pública garantiu uma campanha em massa ágil e abrangente.

Essa tradição de excelência é personificada por figuras que habitam a memória afetiva de milhões de brasileiros, como o Zé Gotinha Símbolo da confiança na vacinação desde 1986, o mascote retorna à cena da pandemia como um ícone da saúde pública, evocando uma nostalgia positiva e um senso de pertencimento a um projeto nacional de proteção. O triunfo da ciência brasileira, a capacidade de produção de imunizantes em instituições como Butantan e Fiocruz e o valor inegociável do coletivo foram os fatores decisivos para a nação poder decretar o encerramento da emergência. O Orgulho portanto é a celebração de um legado que provou: a defesa da vida em escala é um direito garantido e um pilar inabalável da história do país.

VIII. PAINEL FINAL

Figura 100- Modelo 3D do painel final



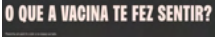


Fonte: Imagem autoral

Figura 97- Referência para montagem do painel de encerramento



Fonte: Imagem autoral

Tabela 8- Detalhamento dos conteúdos do painel de encerramento

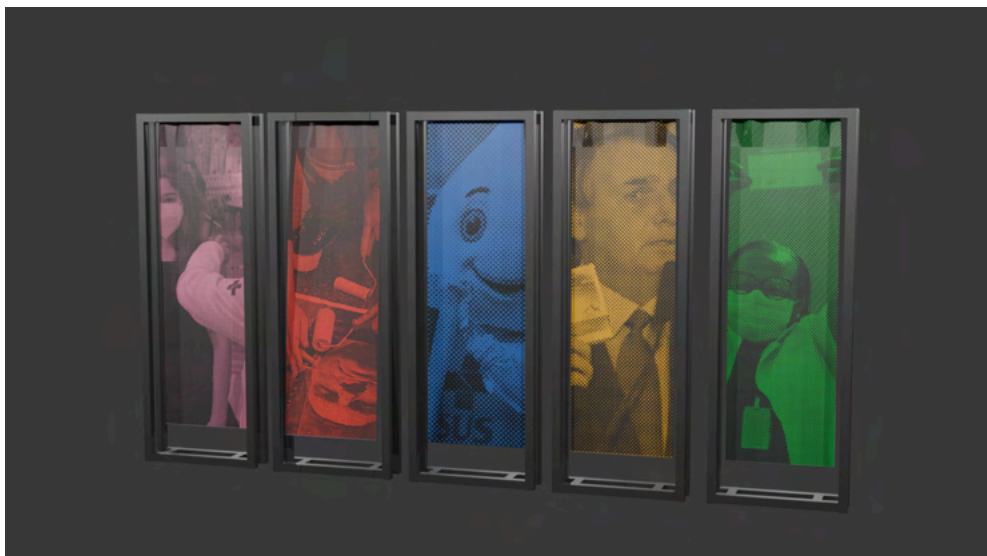
Conteúdo	Descrição	Dimensões	Aplicação	Crédito
	Texto curatorial do módulo.	176 cm x 27 cm	Em adesivo vinil de recorte na área indicada	Não se aplica
	Post-its coloridos	10cmx10cm cada bloco de post it	Blocos devem ser aplicados na área indicada	Não se aplica
	Caneta preta	Não sera presa diretamente no painel	Preso no painel por corda	Não se aplica

Texto do Módulo

Preencha um post-it e cole no local ao lado

IX. BANDEIRAS

Figura 96- Modelo 3D do módulo das bandeiras



Fonte: Imagem autoral

Tabela 9- Detalhamento para produção das bandeiras

Conteúdo	Descrição	Dimensões	Produção	Painel atrelado
	Bandeira azul com zé gotinha reticulado	60cmx200cm	Impressão em serigrafia	Orgulho
	Bandeira verde com Monica Calazans com cartão de vacinação, em retícula	60cmx200cm	Impressão em serigrafia	Esperança
	Bandeira rosa com mulher sendo vacinada, em retícula	60cmx200cm	Impressão em serigrafia	Alívio
	Bandeira amarela com Bolsonaro mostrando cloroquina, em retícula	60cmx200cm	Impressão em serigrafia	Desconfiança
	Bandeira vermelha com imagem de momento de manifestação, em retícula	60cmx200cm	Impressão em serigrafia	Raiva

2. Visualização da exposição

Esta seção oferece a visualização integral do projeto no espaço, demonstrando a materialização final do circuito, incluindo todos os painéis modulares, os módulos em *drywall*, e os elementos complementares, como as bandeiras e as lonas traseiras. Esta visualização final permite observar como a intensidade cromática e a hierarquia visual funcionam em conjunto para criar a jornada afetiva pretendida, dando vida à proposta de imersão do visitante.

Figura 97, 98 e 99- Modelo 3D da exposição





Fonte: Imagens autorais

Figura 100- Imagens do Modelo 3D da exposição



Fonte: Imagem autoral

CONCLUSÃO

Olhando para o processo completo deste TCC, é de grande satisfação ver a pesquisa teórica se transformar em uma experiência palpável, pronta para sair do papel. O ponto de partida era extremamente complexo: a pesquisa sobre a vacina não era sobre encontrar uma verdade única, mas sobre entender que ela era um objeto social carregado com todas as emoções, as tensões políticas e as incertezas da pandemia. O objetivo foi usar essa pesquisa como base para a criação da solução visual, traduzindo toda a complexidade da teoria e transformando-a em algo que o público pudesse ver, sentir e, principalmente, refletir, fazendo com que a pesquisa ganhasse vida através da exposição.

É interessante pensar como o projeto integrou as 4 áreas do design, que compõem o currículo da Escola Superior de Desenho Industrial, para o seu desenvolvimento. Foi necessário o design de produto para garantir que a estrutura modular fosse itinerante e adaptável, uma exigência que assegura a viabilidade de ser montada em espaços variados. Essa estrutura física serviu de base para que o design gráfico atuasse através de uma identidade visual marcante com a paleta de cores saturadas, tipografia forte e utilização de imagens reticuladas como elementos. Em paralelo, o design de interação foi a chave para o engajamento, com o desenvolvimento de elementos interativos específicos, pensado para que o público saísse da passividade e se tornasse parte ativa da narrativa.

Todo o processo foi guiado por uma visão de design de serviços, pensando na experiência completa do visitante, desde o fluxo coerente entre os módulos até a previsão de desenvolvimento dos recursos de acessibilidade na próxima fase, garantindo que o projeto atenda a um público amplo e diverso. O resultado final é uma proposta de exposição que amarra pesquisa, conceito e forma de maneira coerente e detalhada. Para os próximos passos, o caminho é transformar este projeto em realidade, o que demanda garantir a verba necessária, por meio da submissão a editais culturais, e finalizar a programação dos interativos, para que a exposição "Efeitos Colaterais" possa sair do papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI). Rua da Relação, 40: testemunho material da violência do Estado. 2025. Disponível em: <https://www.abi.org.br/rua-da-relacao-40-testemunho-material-da-violencia-do-estado/>. Acesso em: 10 out. 2025.

ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. Associação Médica Brasileira diz que uso de cloroquina e outros remédios sem eficácia contra Covid-19 deve ser banido. 2021. Disponível em: <https://amb.org.br/noticias/associacao-medica-brasileira-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contr-covid-19-deve-ser-banido/>. Acesso em: 28 maio 2025.

ARTRIO. MAM Rio apresenta Carmen Portinho: Modernidade em Construção. 2025. Disponível em: <https://artrio.com/noticias/mam-rio-apresenta-carmen-portinho-modernidade-em-construcao>. Acesso em: 10 out. 2025.

BAYER, Herbert. *Fundamentals of exhibition design*. PM: an intimate journal for advertising production managers, art directors and their associates, New York, v. 6, p. 17-25, dez. 1939-jan. 1940.

BBC NEWS BRASIL. Propina por vacinas? Entenda as 2 denúncias em negociação de doses pelo governo Bolsonaro. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57666781>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. COVID-19: Painel Coronavírus. 2025. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 5 nov. 2025

BUTANTAN. Conheça a história do Zé Gotinha: de ícone da vacinação a celebridade nacional. 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/conheca-a-historia-do-ze-gotinha-de-icone-da-vacinacao-a-celebridade-nacional>. Acesso em: 23 jun. 2025.

BUTANTAN. Há mais de 100 anos revolta da vacina foi marcada por mortes, estado de sítio e fake news. 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/ha-mais-de-100-anos-revolta-da-vacina-foi-marcada-por-mortes-estado-de-sitio-e-fake-news>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BUTANTAN. Imunização, uma descoberta da ciência que vem salvando vidas desde o século XVIII. Governo de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br>. Acesso em: 2 jul. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Especialistas apontam caminhos para o país superar a fase de isolamento social. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/661679-especialistas-apontam-caminhos-para-o-pais-superar-a-fase-de-isolamento-social/#>. Acesso em: 28 maio 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Obrigatoriedade de vacinas é alvo de debate nos Três Poderes da República. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/701491-obrigatoriedade-de-vacinas-e-alvo-de-debate-nos-tres-poderes-d-a-republica/#>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CNN BRASIL. Bolsonaro autorizou antecipação de vacina para contrapor Doria. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-autorizou-antecipacao-de-vacina-para-contrapor-doria/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CNN BRASIL. Sem passaporte vacinal, temos risco de descontrolo da Covid no país, diz médico. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/sem-passaporte-vacinal-temos-risco-de-descontrolo-da-covid-no-pais-d-iz-medico/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DESIGN COUNCIL. History of the Double Diamond. [s.d.]. Disponível em: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/history-of-the-double-diamond/>. Acesso em: 15 ago 2025

ESTADÃO. Quem é Pirulla, youtuber que sofreu AVC e está na UTI. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/ciencia/quem-e-youtuber-pirulla-nprm/?srsltid=AfmBOoqlqjhyTYIBU1XvjuJwf5BANgUhl3s26gA6uEJurvYPVmSXl2q->. Acesso em: 24 jun. 2025.

EXAME. Entenda a cronologia da negociação da compra da vacina Covaxin. 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/entenda-a-cronologia-da-negociacao-da-compra-da-vacina-covaxin/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

EXAME. Geração Z, millennials e boomers: em que ano começou cada geração? 2024. Disponível em: <https://exame.com/pop/geracao-z-millennials-e-boomers-em-que-ano-comecou-cada-geracao/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

EXTRA. Bolsonaro comemora suspensão de testes da CoronaVac pela Anvisa. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/mundo/bolsonaro-comemora-suspensao-de-testes-da-coronavac-pela-anvisa-rv1-1-24738102.html>. Acesso em: 23 jun. 2025.

FIOCRUZ. Cinco dias de fúria: revolta da vacina envolveu muito mais do que insatisfação com a vacinação. 2022. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2022/06/cinco-dias-de-furia-revolta-da-vacina-envolveu-muito-mais-do-que-insatisfacao-com>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FIOCRUZ. Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. [s.d.]. Disponível em: <https://fiocruz.br/impactos-socias-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. Bolsonaro ignora 4 mil mortes, ironiza título de genocida e critica medidas restritivas. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/bolsonaro-ignora-4-mil-mortes-ironiza-titulo-de-genocida-e-critica-medidas-restritivas.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. Governo ignorou 10 e-mails da Pfizer sobre vacinas em 1 mês, mostram documentos da CPI. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/governo-ignorou-10-emails-da-pfizer-sobre-vacinas-em-1-mes-mostram-documentos-da-cpi.shtml>. Acesso em: 29 jun. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Exposição Vacina. [s.d.]. Disponível em: <https://prcv.bio.fiocruz.br/exposicao-vacina/>. Acesso em: 10 nov 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Vacina! Casa da Ciência/UFRJ. [s.d.]. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/pt-br/noticias/2329-vacina-casa-da-ciencia-ufrrj>. Acesso em: 10 nov 2025.

G1. Bolsonaro diz que não tomará vacina; ciência recomenda imunização de quem já teve Covid. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/13/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-ciencia-recomenda-a-imunizacao-de-quem-ja-teve-covid.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2025.

G1. Doria assina contrato para 46 milhões de doses da vacina chinesa e diz que médicos serão vacinados neste ano. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/30/doria-assina-contrato-para-46-milhoes-de-doses-da-vacina-chinesa-e-diz-que-medicos-serao-vacinados-neste-ano.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2025.

G1. Jovem de 22 anos morre após mal súbito em academia, e estabelecimento é interditado no Rio. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/05/21/jovem-morre-em-academia-no-rio.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2025.

G1. “Não tenham medo”, diz Mônica Calazans, 1ª pessoa a ser vacinada no Brasil. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2025.

G1. Vacina sim: nova fase da campanha incentiva imunização completa contra a Covid. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/09/12/vacina-sim-nova-fase-da-campanha-incentiva-imunizacao-completa-contr-a-covid.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2025.

G1. Veja a cronologia da disputa entre Bolsonaro e Doria em torno da vacina contra a Covid-19. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GAZETA DO POVO. Damares estuda medida judicial contra ministra da Saúde por vacina de Covid para crianças. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/damares-estuda-medida-judicial-contr-a-ministra-da-sau-de-por-vacina-de-covid-para-criancas/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

GOVERNO BRASILEIRO. Ministério da Cidadania. Com família Zé Gotinha, campanha reforça importância da prevenção e da vacinação contra a Covid-19. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/com-familia-ze-gotinha-campanha-reforca-importancia-da-prevencao-e-da-vacinacao-contr-a-covid-19>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GOVERNO BRASILEIRO. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico COVID-19 – Semana Epidemiológica 36. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2020/boletim_epidemiologico_covid_36_final.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

GOVERNO BRASILEIRO. Ministério da Saúde. Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 24 maio 2025.

GOVERNO BRASILEIRO. Ministério da Saúde. COVID-19. [s.d]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19>. Acesso em: 28 maio 2025.

GOVERNO BRASILEIRO. Ministério da Saúde. Existe relação entre vacinas e mal súbito?. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2024/agosto/existe-relacao-entre-vacinas-e-mal-subito>. Acesso em: 24 jun. 2025.

GOVERNO BRASILEIRO. Ministério da Saúde. História do Zé Gotinha: saiba como nasceu o símbolo da imunização do Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/historia-do-ze-gotinha-saiba-como-nasceu-o-simbolo-da-imunizacao-do-brasil>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GOVERNO BRASILEIRO. Ministério da Saúde. Não existe nenhuma relação entre vacinas e autismo. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2024/abril/nao-existe-nenhuma-relacao-entre-vacinas-e-autismo>. Acesso em: 24 jun. 2025.

GOVERNO DO MARANHÃO. Zé Gotinha participa da distribuição de mais de 570 mil doses de vacina contra Covid-19 no Maranhão. 2023. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/noticias/ze-gotinha-participa-da-distribuicao-de-mais-de-570-mil-doses-de-vacina-contr-a-covid-19-no-maranhao>. Acesso em: 23 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). *Museu e turismo: estratégias de cooperação*. Brasília: IBRAM, 2014.

ISTO É DINHEIRO. Em reação contra MP #BolsonaroGenocida chega ao 1º lugar no Twitter. 2020. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/em-reacao-contr-a-mp-bolsonarogenocida-chega-ao-1o-lugar-no-twitter>. Acesso em: 10 jun. 2025.

JORNAL DA USP. VACINA contra o coronavírus: uma esperança não muito distante. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/vacina-contr-o-coronavirus-uma-esperanca-nao-muito-distante/>. Acesso em: 5 nov. 2025

LATOUR, Bruno. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Tradução de J. P. Dias. Rio de Janeiro: Editora 34, 2016.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: an introduction to Actor-Network-Theory*. New York. Oxford University Press, 2005.

LATOUR, Bruno. *The Pasteurization of France*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS (MSF). Exposição de Médicos Sem Fronteiras apresenta os desafios de vacinar populações em algumas áreas. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/exposicao-de-medicos-sem-fronteiras-apresenta-os-desafios-de-vacinar-populacoes-em-algumas/>. Acesso em: [DIA MÊS ANO].

MICHAELIS. Vacina. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vacina/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND (MASP). Loja MASP.[s.d.]. Disponível em:<https://www.masploja.org.br/>. Acesso em: 16 nov. 2025

NOTÍCIAS UOL. Deputado estadual Silvio Fávero morre de Covid-19. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/03/13/deputado-estadual-silvio-favero-morte-covid-19.htm>. Acesso em: 29 jun. 2025.

O GLOBO. Autor de lei contra vacinação obrigatória, deputado estadual de MT morre de Covid-19. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/autor-de-lei-contr-a-vacinacao-obrigatoria-deputado-estadual-de-mt-morre-e-de-covid-19-24924367>. Acesso em: 29 jun. 2025.

O GLOBO. Bolsonaro volta a atacar CoronaVac e diz que vacina não tem comprovação científica. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-volta-atacar-coronavac-diz-que-vacina-nao-tem-comprovacao-cientifica-25063231>. Acesso em: 23 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Histórico da emergência internacional COVID-19. [s.d.]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19>. Acesso em: 24 maio 2025.

PORTUGAL, Daniel; SOARES, Flávia. Design e Teoria Ator-Rede. In: BECCARI, Marcos; PRANDO, Felipe (Org.). *Bordas: trânsitos do design em territórios em disputa*. São Paulo: Aspide, 2020. p. 129–144.

REVISTA FÓRUM. Brasil fica de fora da aliança da OMS para uma vacina contra coronavírus. 2020.

Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/coronavirus/2020/4/24/brasil-fica-de-fora-da-aliana-da-oms-para-uma-vacina-contracoronavirus-73685.html>. Acesso em: 28 maio 2025.

VENTURINI, Tomasso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, v. 19, n. 3, p. 258–273, 2009.